II Colóquio de Literaturas e Culturas Insulares

IIe Colloque de littératures et cultures insulaires

2nd Colloquium on Island Literatures and Cultures

The island as a crossroads: mobility, domination, and hybridism

L'île comme carrefour: mobilité, domination et hybridisme

A ilha como encruzilhada: mobilidade, dominação e hibridismo

29-30 Oct. 2026

Universidade dos Açores

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH)

Campus de Ponta Delgada

Anfiteatro VIII / Amphithéâtre VIII / Lecture Theatre VIII

Sala de videoconferência / Salle de visioconférence / Videoconference Room

Livro de resumos

Livre des résumés

Book of abstracts

Índice

Agata Błoch
Agnieszka Kruk
Aina Gomis-Sintes
Ana Catarina Brasil
Ana Maria Alves
Anabela Diniz de Sousa
António Maria Marques Pereira Seabra
Ariana Domínguez García
Bernard Urbani
Brendow Gabriel Celli Pereira
Carlotta Pisano
Cátia Micaela Coelho Vieira Pestana
Conceição Brandão
Dominique Faria
Edyta Jabłonka
El Mehdi Agouchte
Élodie Angélique Peeters
Emmanuel Plasseraud
Firouz Gaini
Francisca M. Buades-Pericás
Giuseppe Formato
Graça Índias Cordeiro
Hamza Terrafe
Hervé Goerger
Hugo Pinto
Ian Kinane
Ignacio Martínez-Armas
Inês Pereira Ribeiro
Isabel Cabrita Condessa
Isabel Maria Gomes Guedes
Joanna Cumyn
João Moreira da Silva
Justine Faraut
Kathleen Mendonça Gomes
Laia Ventayol-García
Leonor Martins Coelho
Leonor Sampaio da Silva
Lucía Palacios Corcuera
Luísa Antunes Paolinelli
Madison Densmore
Maria Luísa Jardim
Maria Luísa Leal
Marie Cravageot-Mess
Melânia Pereira de Castro
Melissa Melodias
Nuno Marques
Pablo Jerez Sabater
Paula Almeida Mendes
Paulo César Fróes Bulhões
Paulo Figueira
Pierre Couvidat-Gherardi
Rui Guilherme Silva
Salma Mobarak
Sophie Coquelin
Soukaïna Boushor
Susana Gramilho
Telmo Rodrigo Mendes da Silva Nunes
Valentin Debatisse
Viktoriia Kokonova
Vítor Paulo Freitas Teixeira

Agata Błoch

Instituto de História da Academia Polaca de Ciências

Duas faces de uma mesma crise: Madeira e Açores como encruzilhadas insulares no Atlântico português durante a Guerra dos Sete Anos

Resumo

Esta comunicação propõe repensar a Madeira e os Açores não como periferias passivas perante as crises do império português, mas como encruzilhadas insulares por onde circulavam decisões políticas e estratégias de sobrevivência. Partindo de uma abordagem comparativa, sustenta-se que as crises desencadeadas pelo terramoto de Lisboa de 1755 e pelo início da Guerra dos Sete Anos não reforçaram o isolamento das ilhas, mas, pelo contrário, revelaram a intensidade das relações que estruturavam o Atlântico português e redefiniram as formas de cooperação e governação entre os arquipélagos e a corte de Lisboa. Entre 1755 e 1763, uma sucessão de sismos, secas, más colheitas e perturbações nas rotas marítimas pôs em causa o abastecimento alimentar insular. Na Madeira, a destruição de infraestruturas portuárias, a dependência das importações inglesas de cereais e a prolongada seca transformaram uma ilha situada no centro das ligações transatlânticas num espaço particularmente vulnerável. Os sucessivos pedidos de auxílio dirigidos aos Açores demonstram que a insularidade significava pertença a uma rede de interdependência, na qual a circulação de alimentos e decisões políticas condicionava a capacidade de negociar recursos, mobilizar solidariedades e gerir riscos comuns. Observada a partir dos Açores, porém, esta mesma crise assume um significado diferente. Também o arquipélago enfrentava más colheitas, escassez de trigo e crescente contestação social, mostrando que a circulação de cereais constituía simultaneamente um mecanismo de abastecimento e um espaço de disputa política. As ordens régias, os pedidos de auxílio provenientes da Madeira e o receio crescente de uma possível escassez levaram as autoridades açorianas a reforçar medidas de proteção, racionamento e controlo dos recursos. A recusa em enviar trigo à Madeira deixa, assim, de ser interpretada como simples ausência de solidariedade e passa a refletir uma insularidade construída na tensão permanente entre circulação e proteção, interdependência e autopreservação. Ao colocar estas duas experiências em diálogo, demonstra-se que a crise funcionou como um momento de recomposição das relações insulares. O risco ambiental, longe de produzir apenas isolamento, reforçou redes de interdependência, redefiniu os equilíbrios entre solidariedade e autopreservação e obrigou comunidades e autoridades a construir novas formas de gestão da escassez. Madeira e Açores emergem, assim, como espaços de circulação e negociação, nos quais as respostas às catástrofes evidenciam uma insularidade dinâmica, construída através da mobilidade e da vulnerabilidade partilhada. As crises não isolaram as ilhas, mas tornaram visíveis as redes materiais, políticas e sociais que sustentavam a insularidade no Atlântico português.

Nota biográfica

Agata Błoch é investigadora e professora assistente no Instituto de História da Academia Polaca de Ciências. Desde 2023, é investigadora principal do projeto “Imperial Commoners of Brazil and West Africa (1640–1822): Global History from a Correspondence Network Perspective” (Centro Nacional de Ciência da Polónia 2022/45/B/HS3/00473). Paralelamente, co-coordena, com Idamaria Fusco, do Consiglio Nazionale delle Ricerche, o estudo comparativo “Lessons from Crises and Disasters: The Role of Information Flows between Individuals, Communities, and Institutions. Comparative Case Studies between Italy and Poland (16th–19th Century)” (2025–2026). Foi bolseira do Ibero-Amerikanisches Institut/Stiftung Preußischer Kulturbesitz (2025) e da Fundação Calouste Gulbenkian (2016–2017).

Agnieszka Kruk

Universidade Maria Curie-Skłodowska (Lublin, a Polónia)

A tradução como um terceiro espaço: a imagem de *Nhô Chic'Ana*, o "filho-das-ilhas", no original e na tradução.

Resumo

A comunicação concentra-se na questão da tradução literária como um "terceiro espaço" (Bhabha, 1994, 1998) que emerge como uma ilha entre a língua e cultura de origem e a língua e cultura de destino. O tradutor constrói um espaço híbrido, tentando manter os elementos mais distintivos do original e, ao mesmo tempo, criar um texto compreensível para os leitores enraizados numa cultura diferente. No meio do mar de diferenças, procura ilhas de pontos em comum (Neubert, 1986) e formas de explicar o que é alheio (Lewicki, 2017).

O conto *Nhô Chic'Ana* faz parte do romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva, mas foi também publicado como um texto independente na *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea.* O texto foi traduzido para o polaco por Krystyna e Wojciech Chabasińscy. Vários elementos do conto representam desafios na tradução: imagens da seca, morte de fome, relações entre os crioulos, oralidade e multilinguismo, peculiaridades linguísticas e culturais. Que imagem da ilha descrita no original chega ao leitor da tradução? Como os tradutores transmitem a maneira como o autor descreve a vida das personagens e a sua visão do mundo?

Dantes acreditava-se que o tradutor podia conduzir o leitor para o autor, fazendo uma tradução estrangeirizadora ou trazer o autor para o leitor, produzindo uma tradução domesticadora (Schleiermacher, 1838; Venuti, 1995). No entanto, existe também um espaço-entre, onde uma terceira voz (já não a do original mas também diferente das normas da língua de chegada) cruza-se com a voz do Outro (Barrento, 2002). Essa "ilha" da tradução é o espaço onde se cruzam línguas, culturas e visões do mundo. A comunicação compara o original e a tradução para determinar que técnicas mantêm as características da ilha descrita no original e que técnicas alteram a sua imagem.

Nota biográfica

Dra. Agnieszka Kruk trabalha como professora adjunta na Cátedra Luís Lindley Cintra na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin, na Polónia. Faz pesquisas na área dos Estudos de Tradução, investigando as técnicas usadas pelos tradutores para transmitir as referências culturais, o multilinguismo e a oralidade presentes nas literaturas de expressão portuguesa. Em 2022 defendeu a sua tese de doutoramento intitulada *Problemy przekładu portugalskojęzycznej literatury afrykańskiej: wielojęzyczność, oralność i obcość a językowy obraz świata* (em português: *As dificuldades na tradução da literatura africana de expressão portuguesa: multilinguismo, oralidade, estranheza e imagem linguística do mundo*). Em 2023 publicou uma monografia intitulada *Wielojęzyczność i lokalne realia w przekładzie afrykańskich literaturach portugalskojęzycznych* (em português: *Multilinguismo e realidades locais na tradução das literaturas africanas escritas em português*). Escreveu artigos sobre a tradução dos elementos culturais, oralidade, multilinguismo, transculturalidade e estilo. Dá aulas da teoria e prática de tradução, equivalência e aspetos interculturais na tradução, tradução literária, tradução consecutiva, tradução avista e aulas práticas de português. Traduziu com os estudantes *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen para o polaco e está a trabalhar sobre a tradução de *A montanha da água lilás* de Pepetela.

Aina Gomis-Sintes

Universitat de les Illes Balears

Counter-narratives of the island myth: reinventions of the poetic imaginary to represent the Balearic Islands in the context of globalization and mass tourism.

Panel: Environmental and cultural damage: (De)Construction of identities

Abstract

This proposal examines poetry written in the Balearic Islands in order to explore how identity is reshaped in globalized and highly touristified insular contexts. It argues that feelings of unease and solastalgia are recognized as shared experiences and thus function as new mechanisms of identification. In contrast to the enduring myth of the island as paradise, recent poetic works frequently turn to environmental and landscape degradation as an effective objective correlative for representing processes of cultural loss, particularly in contexts such as the Balearic Islands, where language shift is ongoing. This connection may be linked to the fact that, in islands like the Balearics, the defense of the territory has historically been closely intertwined with the defense of the local language.

Biographical note

Aina Gomis-Sintes is a collaborating member of the research group Literatura contemporània: estudis teòrics i comparatius (LiCETC), affiliated with the Department of Catalan Philology and General Linguistics at University of the Balearic Islands. She is currently working in a PhD focused on contemporary Catalan poetry, approached from the conceptual frameworks of affective studies and ecocriticism. Her thesis explores the intersections between poetry, affects and environment. She has published several articles in collective volumes edited by Edizioni Ca'Foscari, Sindéresis, and Routledge.

Ana Catarina Brasil

CHAM-Açores/CECC

Voices from the Islands: Azorean Literature abroad

Abstract

In a market of uneven flows and influences, the export of literary works often depends on institutional support. Portugal imports more literature than it exports, and Azorean literature in particular — being arguably less widely read and often dealing with specific topics related to insularity — faces greater difficulties in establishing itself in the international (and perhaps even the national) literary market.

In such cases, what often seems to happen is that the initiative to translate and publish a given literary work comes from an agent connected to the source culture (Kung 2009: 126). And, indeed, the translation of Azorean literature seems to be dependable, in most cases, on source culture' agents, especially in the case of the English language. In a literary market as difficult to enter as the North American one, translators of Azorean literature into English are often (or more than often) Azoreans or of Azorean descent. Inclusion of texts/poems in anthologies or collective volumes also appears to be a common strategy for promoting this literature. There are, however, some exceptions to this "rule": some authors' works have been translated into English by renowned translators not related to the Azorean community. In addition, some have been translated into languages such as Russian, Dutch, Romanian and/or Polish.This paper therefore proposes to trace – as much as possible – the typical path of Azorean literature's export. By compiling a list of Azorean authors' works published abroad, this paper seeks to analyze trends and draw some conclusions on the cultural agents playing a part on the translation and export of Azorean literature.

Biographical note

Holding a degree in Applied Modern Languages from the University of the Azores (2006), postgraduate degrees in Culture and Communication (2008), and in Translation and Language Consultancy (2011), from the same university, as well as a master's degree in Translation from the University of Lisbon (2017), Ana Catarina Brasil also holds a PhD in Translation Studies (FLUL-UL, FCSH-UNL, FCH-UCP) (2025).

With a PhD thesis on the (un)translatability of açorianidade (Azoreanity), based on the translations of the novel *Mau Tempo no Canal*, by Azorean author Vitorino Nemésio, her research interests focus mainly on Translation Studies and Island Studies.

Ana Catarina Brasil is also a freelance translator and a Portuguese Language teacher.

Previous projects: MA thesis – "My Second Manner: challenges posed to translation by F. Scott Fitzgerald's stylistics", under the supervision of Professor Margarida Vale de Gato.

Ana Maria Alves

CITeD, Universidade Politécnica de Bragança & CLLC-UA, Portugal

Ellis Island : île de passage, mémoire et archives manquantes chez Perec et Bober

Résumé

Cette communication propose une lecture de Récits d'Ellis Island de Georges Perec et Robert Bober à partir d'Ellis Island comme lieu d'archives, de mémoire et de disparition. L'île, espace de tri et de classement des migrants, confronte la conservation administrative des traces à l'effacement des histoires individuelles. Le film et l'album superposent deux temporalités. Le dialogue entre texte, photographie et archive conduit Perec à interroger la possibilité de témoigner du passé lorsque les traces sont fragmentaires. L'« île des larmes » devient ainsi une figure de la mémoire lacunaire, où l'archive ne comble pas l'absence .

Notice biographique

Ana Maria Alves est enseignante-chercheuse au Département de langues étrangères de l'École Supérieure d'Éducation de l'Institut Polytechnique de Bragança au Portugal. Elle est membre du Centre de recherche transdisciplinaire en éducation et développement (CITeD) de cette même institution et collabore avec le Centre de recherche en langues, littératures et cultures de l'Université d'Aveiro Elle est titulaire d'un Doctorat en culture (2009), d'un Master en Études françaises (2003), tous deux obtenus au Département de Langues, Littératures et Cultures de l'Université d'Aveiro. Ses premières recherches ont porté sur l'antisémitisme dans l'œuvre de Louis-Ferdinand Céline, ainsi que sur les représentations de la guerre et de l'exil dans sa production littéraire. Elle a ensuite mené deux projets postdoctoraux à la Faculté des lettres de l'Université de Porto, consacrés aux écritures (2021-2022) et mémorielles (2022-2023). Ses travaux actuels interrogent l'expérience de l'exil dans la littérature française contemporaine, avec un intérêt croissant pour les écritures post-mémorielles, les dynamiques de transmission générationnelle et les approches du care et de la réparation, envisagées dans leurs dimensions éthiques et critiques. Ana Maria Alves est également (co)organisatrice de colloques internationaux et membre de plusieurs associations savantes, notamment l'Observatoire de l'écriture contemporaine française et francophone et la Société pour l'étude de la littérature française des XXe et XXIe siècles. Elle représente l'Europe au conseil d'administration de l'AIELCEF (Association internationale d'étude des littératures et cultures de l'espace francophone), siège également au conseil d'administration de la Société pour les études céliniennes et de l'Association portugaise d'études françaises (APEF), et assure la publication en ligne de la revue indexée *Carnets*.

[CV : https://orcid.org/0000-0001-7762-2092] [CV : https://www.cienciavitae.pt/B21B-1565-793B]

Anabela Diniz de Sousa

Universidade da Madeira

Transgressão, fuga e (re)configuração transatlântica - a ficção de João Augusto de Ornelas à luz do conceito de “entre-lugar”

Resumo

A presente comunicação propõe uma leitura do tríptico romanesco do escritor e jornalista natural da Ilha da Madeira, João Augusto de Ornelas (1833–1886), à luz do conceito de "entre-lugar", na perspetiva de Silviano Santiago, e de “Terceiro Espaço” e “Unhomeliness” na ótica de Homi Bhabha. Afastando-se de uma leitura centrada estritamente no isolamento, argumenta-se que estas narrativas de Ornelas instituem a Madeira não como um lugar de clausura, mas como ponto de partida para circuitos transatlânticos onde as vozes dos textos procuram renovadas significações identitárias. A análise centra-se nos romances *A Arrependida* (1872), *A Mão de Sangue* (1874) e *O Enjeitado* (1886) explorando como a travessia oceânica influencia, de forma distinta, os protagonistas. Em *A Arrependida* e *O Enjeitado*, a mobilidade transatlântica funciona como um dispositivo de redenção moral e emancipação ontológica pelo trabalho, convertendo a desonra e o anátema do berço em afirmação de virtude e cidadania. Em sentido inverso, em *A Mão de Sangue*, as figuras de Júlio e Fernando personificam uma fuga estratégica onde a mobilidade não acarreta a expiação ética. Neles, a tendência para o crime persiste como uma marca que o Atlântico não apaga, como demonstraremos neste estudo. Parece-nos, assim, que o “entre-lugar” transatlântico se constitui como um Terceiro Espaço de tradução cultural, permitindo não só a sobrevivência da identidade, mas também a emergência de uma subjetividade capaz de desafiar a fixidez das normas periféricas.

Nota biográfica

Anabela Diniz de Sousa é doutoranda em Literaturas e Culturas Insulares na Universidade da Madeira, instituição onde concluiu o Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais com a dissertação intitulada *Judith Teixeira: emancipação e construção de uma nova identidade feminina no início do século XX*. É igualmente licenciada em Línguas e Relações Empresariais pela mesma universidade e possui Estudos Avançados em Didáticas das Línguas – Multilinguismo e Educação para a Cidadania Global, programa conjunto da Universidade Aberta e da Nova FCSH. Participou no *II Colóquio Literatura Madeirense*, com a comunicação “João Augusto de Ornelas e a literatura madeirense oitocentista – sob o signo do Romantismo tardio e da procura de legitimação”. No plano profissional, possui uma vasta experiência nas áreas do ensino de línguas, tradução, *copywriting*, edição e revisão de textos, tendo colaborado com entidades como o *Diário de Notícias da Madeira*, a *Wall Street English* e a *Press Power*. No âmbito da sua atividade editorial, foi responsável pela edição e tradução do *Guia de Bolso da Ribeira Brava / Pocket Guide of Ribeira Brava Town*, em colaboração com a *Madeira Geo Tours*, e conta com textos publicados em diversas antologias literárias através da *Chiado Books*. Desenvolveu, ainda, projetos de voz e legendagem para conteúdos publicitários e *TED Talks*. Atualmente, concilia a sua atividade profissional na empresa ams OSRAM com a investigação académica, centrando-se particularmente na recuperação e valorização da obra de João Augusto de Ornelas. É fluente em inglês (C2) e possui competências linguísticas em espanhol, alemão e francês.

António Maria Marques Pereira Seabra

Universidade dos Açores (doutorando)

A península mental de Fernando Aires: notas sobre leituras e influências no diário *Era Uma Vez o Tempo*

Resumo

O monumental diário Era Uma Vez o Tempo, de Fernando Aires, constitui um tratado sobre o modo como a condição insular molda a identidade e o caráter do homo azoricus. Os vários volumes que compõem a obra glosam a poderosa máxima nemesiana, segundo a qual a geografia é, para o ilhéu açoriano, tão determinante quanto a história. Embora alguns estudiosos se tenham já debruçado sobre este tópico, tendo como objeto de estudo a obra em apreço, ainda não existem trabalhos que incidam sobre a relação entre a insularidade e a influência que outros escritores (ilhéus ou continentais) exerceram sobre o pensamento - e influiram no estilo e na linguagem - do diarista. O objetivo da minha comunicação será explorar a relação problemática de Fernando Aires com escritores continentais (e, na verdade, com o território continental em geral). Procurarei demonstrar como a angústia provocada pela insularidade é exacerbada pela tensão literária que se estabelece entre o diarista e os seus rivais do continente. Também tenciono identificar e comentar alguns pontos de contacto entre o diário e a obra ficcional do autor que, embora exígua, merece ser analisada à luz de uma perspetiva comparatista.

Nota biográfica

Doutorando em Literaturas e Culturas Insulares pela Universidade dos Açores, cursei Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL, 2013), tornei-me Mestre em Ensino de Português e Línguas Clássicas (FCSH, 2015) e concluí uma pós-graduação em Estudos Clássicos (FLUL, 2018). Sou professor de Português e formador, tendo coordenado dois cursos sobre gramática e literatura portuguesa. Ocasionalmente, publico crítica literária e ensaios em diferentes revistas. Nas horas vagas, pratico trail running nos feéricos trilhos de São Miguel. Sou pai de dois ilhéus de gema.

Ariana Domínguez García

Universitat de les Illes Balears

Contested Identities: Challenging gender roles in the capitalist transformation of the fishing sector in the Balearic Islands.

Panel: Environmental and cultural damage: (De)Construction of identities

Abstract

My proposal is to deconstruct dominant gender identities within island fishing communities in Mallorca. It focuses on the transition from preindustrial contexts to industrialization, examining how gendered social and cultural systems were reshaped. From a historical and anthropological perspective, women are understood as key agents sustaining economic, social, and cultural life, linking sea and land and transmitting collective identities. Through qualitative oral methodologies, the study challenges dominant narratives that have obscured their roles. It argues that capitalist expansion and globalization did not erase women's presence but redefined and marginalized it. The research ultimately connects these shifts to broader cultural, economic, and socio-ecological crises, proposing alternative ways of understanding insular identities.

Biographical note

Ariana Domínguez holds a BA in Humanities from Pompeu Fabra University (2016) and an MA in Cultural Heritage from the University of the Balearic Islands (2020). She is currently completing her PhD at the University of the Balearic Islands, where her research explores Balearic fishing communities from a gender perspective through oral history, material culture, and visual heritage. She is part of the research team of the ERC-OCN project Narratives of Environmental Crime at Sea and has been Principal Investigator of two competitive regional research projects focused on the role of women in Balearic fishing communities. In 2022, she was awarded the Ciutat de Palma Montserrat Casas Research Prize for her study on fish sellers in Palma. She has also undertaken a research stay at the Scottish Fisheries Museum (United Kingdom), participating in the "FishNet Digitisation Project.

Bernard Urbani

Université d'Avignon – ICTT, France

Procès maternels insulaires (Grazie Deledda, *Dans l'ombre, la mère* - Marie Susini, *La fiera*)

Résumé

Dans l'ombre, la mère (1920) et *La fiera* (1954) scrutent les visages contrastés et analysent les mythologies de la Sardaigne et de la Corse, archipels de paradoxes. Le roman de Grazie Deledda (1871-1936), est l'histoire tragique de trois passions insulaires : celle de la mère qui a réussi à faire de son fils, Paulo, un prêtre, celle de son fils déchiré entre le sacerdoce, l'amour maternel et l'amour charnel d'une femme et enfin, la passion de cette femme, blessée à mort dans son orgueil. Abandonnée par Paolo, elle menace de faire éclater le scandale en pleine église pendant la célébration de la messe par son amant. La mère (qui porte la douleur de son fils) meurt foudroyée. L'action de ce roman, ramassée et tendue, révèle le malheur des hommes, leurs superstitions et leurs rêves d'un ailleurs sans rivages et sans domination. Dans l'ombre, la Sardaigne, espace fermé et résistant, la mère, la solitude, le silence mais aussi l'instinct de vie, la nostalgie que la fatalité d'un malheur, antérieur à l'histoire, interdit. Mère et fils possèdent des instincts *à l'état pur* qui s'opposent : instinct de vie et d'amour, instinct du moi social, honneur. Il y a dans ce roman un véritable *mythe insulaire* de la puissance maternelle. La mère décide pour son fils, l'oblige… par respect du code de l'honneur. Dans *La fiera* (1954), Marie Susini (1916-1993) reprend la version sarde du mythe méditerranéen de la mère gardienne de l'honneur et ajoute à ce tableau maternel une galerie de mères corses saisissantes et conflictuelles : *a mamma* d'Angnola qui asservit sa fille à son autorité jusqu'à détruire son aptitude au bonheur, celle de Matteo qui, par sa dureté, va détruire sa belle-fille Sylvie, *la pinzuta* et celle de zia Francesca, mère révoltée contre les hommes et contre Dieu depuis la mort de son fils, mâle insulaire mythique qui a tout pris. Ces mères-prêtresses sardes et corses, « roulées dans leur chagrin comme dans un suaire », sont, en définitive, des obsédées et des révoltées, vivant étouffées dans leur espace insulaire immobile. Ces deux grands romans de la Sardaigne et de la Corse, îles faites d'exigence et de passion, font apparaître une convergence entre Deledda et Susini dans la représentation littéraire que ces deux écrivaines ont su donner de la mère insulaire, mère douloureuse et dispensatrice de douleur, parce que « crucifiée à la croix du *qu'en dira-t-on ?* » et de leur île, espace ancré, qui fut et qui transcende le temps. Ils interrogent les questions de filiation et de sentiments contrariés, sondant avec sensibilité les mouvements de l'âme des personnages vulnérables et vaincus.

Notice biographique

Bernard Urbani, Professeur émérite de Littératures comparées à l'Université d'Avignon (EA : ICTT France), est titulaire d'un doctorat de Littérature française du XIXe siècle (*La femme dans l'œuvre d'Alphonse Daudet*), d'un doctorat de Littératures comparées (*Romanciers italiens lecteurs de Marcel Proust*) et d'une HDR en Littératures comparées (*Croisements culturels France-Italie-Maghreb (XIXe-XXIe siècles*). Axes de

recherches : le roman français après 1850, l'influence du roman proustien en Italie, les liens entre littérature maghrébine et culture italienne (Tahar Ben Jelloun, Abdelwahab Meddeb, Assia Djebar, Hédi Bouraoui) et la littérature corse (Marie Susini, Marie Ferranti, Jérôme Ferrari).

Brendow Gabriel Celli Pereira

Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

"um retorno ao ponto de encruzilhada" – uma leitura de Édouard Glissant

Resumo

O trabalho investiga a encruzilhada como operador filosófico, ético e metodológico, propondo-a como chave para pensar a produção de conhecimento para além de modelos lineares, universais e eurocêntricos. Em diálogo com Édouard Glissant, mais precisamente em *Le Discours antillais*, vemos que a encruzilhada é compreendida como ponto de retorno, mas não a uma origem pura e, sim, a um campo de tensão, mistura e criação. Pensar a partir desse lugar implica assumir o risco e nos convoca ao gesto de uma abertura radical ao outro, ao imprevisto e ao acontecimento, o que nos faz recusar a ideia de um método fixo e previamente garantido. A proposta deste trabalho é pensar o arquipélago como uma encruzilhada, mas não apenas a encruzilhada como dimensão daquilo que é visível, e sim também daquilo que é invisível. Ou seja, articular conceitualmente a encruzilhada na superfície e no subterrâneo, no mundo dos vivos e no mundo dos mortos. Desse modo, propomos uma certa cartografia espectro-bestial da encruzilhada, onde aparições, fantasmas, monstros e animais assombram e rondam quem por ela passa. Se existe uma dimensão cartográfica de paisagem, horizonte e beleza no arquipélago, ela também, por outro lado, dá lugar, em seu contramapa, ao rosto feroz, bestial e rebelde dos abismos. Se certa tradição do pensamento se recusa a falar dos fantasmas e com os fantasmas, isso não constitui um problema para os povos da floresta, os povos afrodiaspóricos e, muito menos, para as culturas insulares, nas quais tais presenças são constitutivas da experiência filosófica, entendida como prática situada, inventiva e relacional, na qual o conhecimento emerge do cruzamento de saberes e da fricção entre diferenças.

Nota biográfica

Brendow Gabriel, doutorando e mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador no Laboratório Encruzilhadas Filosóficas, onde pesquisa samba, filosofia e o pensamento de Walter Benjamin e Jacques Derrida.

Carlotta Pisano

Universidade NOVA de Lisboa NOVA FCSH - CETAPS

O Mangue como Mundo: Mobilidade, Memória e Refúgio em *Crossing the Mangrove* de Maryse Condé

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura de *Crossing the Mangrove* (1989), de Maryse Condé, a partir dos conceitos de mobilidade, memória e refúgio, tomando como quadro teórico o pensamento de Édouard Glissant, em particular a crioulização, a errância e a Poética da Relação. O romance, ambientado na Guadalupe e estruturado em torno da morte misteriosa do estrangeiro Francis Sancher, oferece um retrato polifónico de uma comunidade insular caribenha que negoceia a sua memória coletiva e a sua abertura ao outro. A figura do mangue ressoa diretamente com a noção glissantiana de identidade-rizoma: uma identidade que não se funda em raízes únicas e verticais, mas que cresce horizontalmente, em contacto permanente com o movimento e com o outro. Francis Sancher encarna a errância no

sentido de Glissant: não o exílio como perda, mas o deslocamento como condição criativa e recusa da identidade fechada. A sua morte desestabiliza a comunidade, obrigando cada personagem a confrontar a sua relação com a memória, a pertença e o refúgio. A estrutura narrativa, construída a partir de vozes que se sucedem na noite de velório, traduz formalmente o que Glissant designa como Tout-Monde: um mundo-totalidade onde nenhuma perspetiva é soberana e onde a verdade emerge apenas da relação entre memórias díspares. O espaço insular da Guadalupe não funciona como clausura, mas como lugar de passagem, um refúgio que é também fronteira, um território que guarda a memória colonial sem por ela ficar aprisionado. O mangue surge, assim, não apenas como símbolo, mas como modelo epistemológico: uma forma de estar no mundo que aceita a opacidade do outro, que preserva sem fossilizar e que encontra na sua própria instabilidade a condição de toda a relação.

Nota biográfica

Carlotta Pisano é doutoranda em Literaturas e Cultura Modernas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH). A sua investigação centra-se no romancista de Trinidad e Tobago Sam Selvon, com particular atenção às dimensões carnavalescas dos seus romances ambientados em Londres (1955–1979) e ao modo como estes dialogam com as paisagens sonoras caribenhas e as estéticas crioulas. Os seus interesses académicos mais amplos abrangem as literaturas pós-coloniais em língua inglesa, a escrita diaspórica caribenha e as dimensões etnográficas. A par do seu trabalho doutoral, conta com mais de dez anos de experiência nas relações internacionais do Ensino Superior e, desde 2020, exerce funções de docente responsável pelo Ideas Club do Semestre pré-universitário SUPERNOVA, onde trabalha com os estudantes em questões de comunicação intercultural, diversidade e inclusão através de debates semanais.

Cátia Micaela Coelho Vieira Pestana

Universidade da Madeira (UMa) / Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) / Associação para o Desenvolvimentos dos Estudos Globais e Insulares (ADEGI) /Centro de Estudos Globais (CEG) da Universidade Aberta

Escrever para o Palco e para a *Polis*: O Teatro de Eugénia do Rego Pereira com forma de Emancipação Feminina na Madeira

Resumo

Na primeira metade do século XX, as mulheres letradas na Madeira enfrentavam uma condição de dupla periferia, encurraladas entre o isolamento geográfico do arquipélago face ao continente e a exclusão social num meio marcadamente patriarcal. É perante este cenário de confinamento que surge a escrita dramática e a prática teatral de Eugénia do Rego Pereira (1877-1947), cuja produção textual e pedagógica desafiou as dinâmicas de dominação vigentes na sociedade insular. Através do cruzamento com o conceito de "contra-públicos subalternos" (Nancy Fraser), examina-se de que modo as suas peças e textos dramáticos – frequentemente representados em contextos de sociabilidade local ou no âmbito da sua ação educativa – funcionaram como um "terceiro espaço" de negociação identitária e de resistência à invisibilização. A sua escrita para o palco operou como uma encruzilhada cultural: ao mesmo tempo que dialogava com os estímulos de modernidade que chegavam ao porto do Funchal, traduzia as tensões, as memórias e os anseios de emancipação da mulher madeirense face ao conservadorismo vigente. Apoiada no levantamento de fontes periódicas e no espólio literário da autora, esta comunicação pretende demonstrar como Eugénia do Rego Pereira utilizou a performance e a literatura dramática para rasgar as margens do isolamento, inscrevendo uma voz feminina autónoma na história e na memória cultural da insularidade portuguesa.

Nota biográfica

É doutoranda em Literaturas e Culturas Insulares pela Universidade da Madeira, desenvolvendo a tese "Mulheres da Madeira: Vozes, Escritas e Resistências na primeira metade do Séc. XX. Estudos sobre

Literatura e Cultura Femininas Insulares". Concluiu o Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade (2026) na mesma instituição, focado na obra de Luzia e das escritoras da sua época, e é licenciada em Ciências da Cultura (2008), detendo ainda um Postgraduate Certificate em Migration (Haskolinn a Akureyri, 2021). Profissionalmente, é arquivista da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro, encontrando-se cedida por interesse público à ADEGI – Associação para o Desenvolvimento de Estudos Globais e Insulares, onde integra a Direção e desenvolve projetos de relevante interesse cultural (como "Cartas de William Bolton" e "Epopeias Insulares"). É investigadora do Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta), na linha de Literatura, Artes e Transculturas. Com vasta experiência na dinamização de mostras documentais, destaca-se a coautoria da publicação bilingue sobre o centenário de Carlos de Habsburgo na Madeira (2012). No âmbito da produção de conteúdos literários e mediação cultural, participa de várias publicações feitas pela ADEGI, colaborou com a Arteleia – Produção de Conteúdos Literários e, desde 2020, cria, produz e integra o programa de rádio "Mulheres com Palavra" (TSF-Madeira), assinando também o espaço de opinião "4 em linha" no Semanário Tribuna da Madeira (desde 2022).

Conceição Brandão

ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa) – FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Entre Memória e Território: Leituras da Insularidade em *Gente feliz com lágrimas*

Resumo

A obra *Gente feliz com lágrimas*, de João de Melo, oferece um campo privilegiado para a reflexão sobre as representações literárias da insularidade enquanto espaço de inscrição, negociação e reconfiguração da memória e das violências simbólicas. Proponho analisar o modo como o romance constrói a ilha açoriana não apenas como cenário, mas como um dispositivo simbólico complexo, articulando essa leitura com contributos teóricos dos estudos da memória, da insularidade e da teoria social. No âmbito dos "island studies", Godfrey Baldacchino sublinha que "islands are not just places, but ways of seeing" — ou seja, a insularidade não deve ser reduzida a um dado geográfico, mas entendida como uma construção cultural e epistemológica. Esta perspetiva permite-nos compreender que a ilha, em *Gente feliz com lágrimas*, é menos um espaço físico delimitado do que um campo de significações onde se cruzam história, memória e identidade. De forma complementar, Antonio Benítez-Rojo propõe que os espaços insulares são marcados por dinâmicas de repetição e de complexidade histórica, afirmando que "the Caribbean repeats itself". Embora o seu enfoque seja o espaço caribenho, esta ideia de repetição pode ser transposta para o contexto açoriano do romance, onde certos padrões — pobreza, emigração, repressão — se reiteram ao longo do tempo, configurando uma experiência histórica marcada pela recorrência e pela dificuldade de rutura. Neste quadro, a ilha açoriana representada por João de Melo surge como um espaço densamente historicizado, onde os vestígios do passado permanecem ativos. Para compreender esta persistência, é fundamental convocar o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, segundo o qual "it is in society that people normally acquire their memories". A memória, longe de ser um fenómeno puramente individual, é construída no interior de quadros sociais que orientam aquilo que é lembrado e aquilo que é esquecido.

Nota biográfica

Conceição da Silva Brandão é doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa, tendo centrado o seu trabalho de dissertação na obra de Lídia Jorge. É atualmente membro integrado do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP). Publicou o livro *Formas de Silêncio em "Combateremos a Sombra" de Lídia Jorge* (2014) e tem participado em Colóquios Internacionais, de que resultaram diversas publicações em Portugal e no estrangeiro. Em 2020 participou no Colóquio em homenagem à escritora de *O Dia dos Prodígios*, a propósito dos quarenta anos da publicação desse romance, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Tem vários artigos publicados em revistas (*Colóquio/Letras, Jornal de Letras Artes e Ideias, Cintilações)* e outras publicações colectivas, nacionais e estrangeiras*, de que se salienta*

a publicação em *The Power of the Image in the Work of Lídia Jorge*, Peter Lang, Oxford, United Kingdom (2023).

Dominique Faria

Universidade dos Açores | CHAM - Centro de Humanidades–NOVA–UAc

The island and the translator: figures of mediation in *Un autre m'attend ailleurs*, by Christophe Bigot

Résumé

Christophe Bigot's novel *Un autre m'attend ailleurs* (2024) explores the relational dimension of the island through its portrayal of Marguerite Yourcenar's final years at Petite Plaisance, on Mount Desert Island, off the coast of Maine. Far from appearing as a refuge cut off from the world, the island becomes a transatlantic crossroads where journalists, scholars, artists, admirers and travellers from Europe converge. This geographically peripheral location thus emerges as a space of encounter, circulation and cultural exchange between Europe and America. This paper examines this mediating role through the figure of Grace Frick, Yourcenar's partner and translator. Positioned between French and English, Europe and America, and the literary work and its readers, Grace occupies an intermediary position comparable to that of the island itself. Tasked with translating Yourcenar's work, but also with screening visitors and coordinating exchanges with the outside world, she acts as a guardian of the threshold. The paper explores how the novel presents translation as a productive model for thinking about the island. Both connect separate spaces, shape patterns of circulation and enable encounters. Insularity is thus defined less by separation than by its capacity to generate connections and facilitate cultural mediation.

Notice biobibliographique

Dominique Faria est professeure associée à l'Université des Açores, où elle dirige le doctorat en Littératures et Cultures Insulaires ainsi que le master en Traduction. Elle est membre du CHAM – Centre d'Humanités (FCSH–NOVA / Université des Açores), vice-présidente de l'Association Portugaise d'Études Françaises (APEF) et directrice de la revue scientifique *Carnets*. Docteure en littérature française, ses principaux domaines de recherche sont la littérature française contemporaine, les études de traduction et la littérature insulaire.[https://www.cienciavitae.pt/portal/en/EF14-4262-AA78]

Edyta Jabłonka

Universidade Maria Curie-Skłodowska, Lublin, Polónia

Ilhas como espaço de contacto linguístico – o caso dos anglicismos na língua cabo-verdiana

Resumo

Ao abordar a realidade linguística das ilhas de Cabo Verde, importa considerar os fatores históricos e socioculturais na génese das línguas crioulas e das variedades linguísticas, como o inglês afro-americano ou o português do Brasil (PVB) (cf. Holm & Swolkien, 2006). O cabo-verdiano (LCV) é a língua do quotidiano, utilizada em quase todas as situações informais, bem como a língua da cultura tradicional através da qual os habitantes das ilhas exprimem os seus sentimentos. Já o português (LP) assume um papel mais formal, sendo utilizado em cerimónias religiosas, instituições e meios de comunicação, sobretudo em contextos escritos (Rodrigues, 2021, p. 116; Hlibowicka-Węglarz, 2013, pp. 183–184; Czopek, 2016, p. 14). O presente estudo tem como objetivo analisar a influência dos

anglicismos na língua cabo-verdiana, considerando os acontecimentos históricos e os diversos contactos linguísticos. Pretende-se identificar os contextos de incorporação destes empréstimos, considerando a influência britânica e americana em Cabo Verde nos séculos passados e o respetivo impacto no léxico. É importante notar também que, nos últimos anos, emergiu uma comunidade de imigrantes nigerianos falantes de inglês, sobretudo na cidade de Praia. Em Cabo Verde, falam-se igualmente francês e inglês, línguas lecionadas no ensino secundário. Existe ainda no país uma comunidade de imigrantes senegaleses, particularmente na ilha do Sal, que utiliza, entre outras, a língua francesa. A investigação realizada, de carácter descritivo, baseia-se sobretudo em fontes como redes sociais, letras de canções, sítios de culinária, blogues e dicionários em linha. Verifica-se uma presença constante de anglicismos na realidade cabo-verdiana, bem como um fluxo contínuo associado ao surgimento de novos fenómenos. Em síntese, constata-se que a língua cabo-verdiana recorre ao inglês tanto numa perspetiva sincrónica como diacrónica, em consequência dos fluxos migratórios iniciados já no século XIX. Os anglicismos remetem para o quotidiano e passam por processos de integração fonética, gráfica e morfológica.

Nota biográfica

Professora Associada c/Agregação na Cátedra Luís Lindley Cintra, na Universidade Maria Curie – Sklodowska, em Lublin, Polónia. Áreas de interesse científico: lexicologia, neologia, empréstimos na língua portuguesa. Autora de uma monografia sobre os empréstimos no português e de artigos publicados em português, polaco, inglês e francês, entre outros: Jabłonka E., Posturzyńska-Bosko M. "A Glass of Porto or Madeira? Portuguese Gastronomic Loanwords in the French Language", in: *Culinary Crossroads*, *Language, Culture, and Cuisine in Global Perspective*, Palmowski M., Urban M. (red.), 2025, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht Unipress, 45-56; Jabłonka, E., Alves I. M., "Empréstimos culinários no Português: uma abordagem lexicográfica", *Romanica Cracoviensia*, 2024, 195-206; Jabłonka E., Posturzyńska-Bosko, M., "Tartalette ou tartelete? – les gallicismes culinaires en portugais concernant les desserts et les sucreries", in: *La culture culinaire et les mots,* Dębowiak P., Rapak W. (red.), 2024, Vandenhoeck & Ruprecht Unipress, 155-176; "Pochodzenie wybranych nazw potraw i rola kulinariów w kulturze Portugalii i Brazylii", in: Pawlikowska-Asendrych E., Szczęk J. (red.), 2023, *Kulinarische Welt in Sprache, Kultur und Literatur Bd 1*, *2*, Hamburg: Verlag Dr. Kovač, 33-49. Participou em vários congressos nacionais e internacionais, entre outros: VI CINEO, Universidade de Coimbra, 7-9.07.2025; "Mesa redonda – Estudos neológicos em diferentes corpora" no XV Colóquio "Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas" (*on-line*), no âmbito do Projeto TermNeo, 12-13.12.2023, Universidade de São Paulo. Proferiu uma conferência plenária sobre o léxico culinário de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe no congresso *Kulinaria w Języku, Kulturze i Literaturze II,* Uniwersytet Wrocławski, 28-30.11.2024.

Élodie Angélique Peeters

Universidad Autónoma de Baja California Sur, México

Cuba, île bicéphale : entre réclusion et ouverture, vision personnelle de Reinaldo Arenas dans son autobiographie *Antes que anochezca.*

Résumé

Une île représente l'ouverture vers le monde mais également une situation solitaire par sa position maritime. Les chances de sortie sont plus réduites que sur un continent pour échapper à une condition précaire et/ou dangereuse. Pourtant, c'est bien l'impossibilité de sortir que décrit l'écrivain cubain Reinaldo Arenas dans son œuvre autobiographique. Cuba est une île porteuse de nombreuses histoires et également d'Histoires, de personnages mythiques, de grandes Idées, mais c'est surtout une île en danger, comme nous pouvons le voir dans les nouvelles récentes. Reinaldo Arenas, homosexuel sous le régime de Fidel Castro dans les années 1960, raconte sa vie, son amour/haine pour son pays et toutes les difficultés qu'il a rencontrées pour y échapper. C'est son quotidien qu'il décrit, les punitions qu'il reçoit, la société dans laquelle il vit, la beauté de son pays, les amitiés et les trahisons. Il nous livre une

véritable fresque sociale, crue, sans ornements où la sexualité a une place tout aussi présente que le manque de liberté. À travers cette œuvre, nous allons étudier le devoir de mémoire que l'auteur se propose de faire, des choix et des non-choix qui se sont imposés tout au long de sa vie de marginalisé ainsi que la place et la vision qu'il possède de Cuba, devenue la cause de ses malheurs.

Notice biographique

Élodie Angélique Peeters, enseignante-chercheuse du Département d'Humanité à l'Université Autonome de Basse Californie du Sud, au Mexique, possède un doctorat en Études romanes, spécialité espagnol. Elle a centré sa recherche sur la littérature hispanoaméricaine et plus précisément sur la littérature policière cubaine. Titulaire d'un Master en Littératures et Politiques et d'un Master de Français Langue Étrangère, ses thèmes de recherches s'avèrent variés : la politique, le social, la communication, la littérature, l'enseignement et les langues. Elle est également responsable d'une recherche concernant les corpus d'apprentissage en français et s'intéresse également aux corpus d'apprentissage en anglais. Elle a donné des conférences dans des congrès internationaux, en France, en Argentine, en Espagne et au Mexique et a également publié plusieurs chapitres de livre.

Emmanuel Plasseraud

Université Picardie Jules Verne

D'une île à l'autre. Les îles au trésor de Raoul Ruiz

Résumé

Cinéaste d'origine chilienne, ayant tourné de nombreux films en France et au Portugal, Raoul Ruiz a aussi été un homme de l'écrit, auteur de pièces de théâtre, d'essais sur le cinéma et de quelques romans. Parmi eux, *À la poursuite de l'île au trésor* (1989) est une variation autour du roman de Stevenson, qu'il avait adapté pour le cinéma en 1984.

Cette communication pourrait être l'occasion d'étudier cette partie moins connue de l'immense œuvre multi-artistique de Ruiz, souvent qualifiée d'archipel, qu'a été son activité romanesque. Le fait que le roman fasse suite à un film, qui lui-même est une adaptation d'un classique de la littérature permettra de penser les relations entre roman et film, à partir du thème de la représentation insulaire.

En dehors de *L'île au trésor*, Ruiz a réalisé de nombreux films qui se déroulent en partie sur des îles, comme par exemple *La Ville des pirates*, qui fut tourné au Portugal en 1984. La mer, de manière générale, est omniprésente chez ce cinéaste dont le père était capitaine dans la marine marchande. À l'évidence, dans de nombreux cas, et notamment dans *À la poursuite de l'île au trésor*, l'île est associée à l'enfance. Elle permet aussi, dans la clôture de son espace, l'effectuation de jeux de rôles, qui engagent les récits dans une stratégie de variations d'un texte à l'autre, en l'occurrence du livre de Stevenson à son adaptation filmée puis à sa reprise romanesque, qui se donne la forme d'une suite.

Notre approche sera donc intertextuelle et narratologique, cherchant à prendre au sérieux cette œuvre ludique à partir de notions comme la mise en abime, la digression ou la bifurcation narrative, et le plan caché, idée centrale de la théorie poïétique ruizienne.

Biographie

Emmanuel Plasseraud enseigne le cinéma à l'UPJV. Il a publié trois ouvrages personnels, *Cinéma et imaginaire baroque* (2007), *L'Art des foules* (2011) et *Les Spectateurs du cinéma* (2021), ainsi qu'un ouvrage collectif, *Raoul Ruiz, dialogues transatlantiques* (2024), faisant suite à un colloque international sur le cinéaste chilien. Il est aussi réalisateur de films de fiction et de documentaires.

Firouz Gaini

University of the Faroe Islands

Faroese Youth Culture and Cinema

Abstract

In Sakaris Stórá's productions, most notably in the award-winning films *Dreaming by the Sea* (2017) and *Last Paradise on Earth* (2024), we follow young people from small village communities in an archipelago in their Northeastern Atlantic. The films discuss young people's everyday lives, gender, mobility and belonging in society where the ocean is associated with danger and uncertainty, but also with hope and possibilities. Stórá, himself a native of a small Faroese village, gives a cinematographic presentation of the rhythm of life and resilience of coastal villages, the youth's future images and dreams of change, and the role of the sea and the nature in local life. Small island communities, as well as many other remote rural regions in continental Europe, are struggling to cope with high levels of youth out-migration, aging populations, rising unemployment and the deterioration of local businesses and services. Some rural and island communities also have a long history of out-migration, which has created what you could call 'cultures of migration' and 'transnational perspectives' among young people (Hayfield 2017). The Faroe Islands, an autonomous territory in the Danish Realm located midway between Norway and Iceland, is characterized by high mobility and strong local identities. In this landscape, people who stay – voluntarily or involuntarily – do also experience (symbolic) mobility in their lives. Staying can indeed be described as a dynamic and active process (Pedersen and Zittoun 2022). This presentation, drawing on island studies, blue humanities and youth studies, discusses Faroese youth cultures drawing on contemporary cinematographic representations of the life in the villages.

Biographical note

Firouz Gaini is professor in anthropology at the University of the Faroe Islands. He studies in Denmark and Norway, and his fieldworks are from Greenland, Japan, and the Faroe Islands. He is co-editor of the volume 'Gender and Island Communities' (Routledge 2020) and associate editor of 'Island Studies Journal'. He is also a member of the academic council of 'Island Innovation'. He has published extensively on small island cultures, youth identities, and island transportation and infrastructure. His research examines everyday lives, identities and values in island societies in transformation in a globalizing world. He has also been engaged in the study of the role and meaning of water/sea in the cultures of islanders in the North.

Francisca M. Buades-Pericás

Universitat de les Illes Balears

Posidonia and Insular Memory: Identity, Resistance, and Ecology in *Com posidònia en un alzinar!*.

Panel: Environmental and cultural damage: (De)Construction of identities

Abstract

This proposal is grounded in the young adult novel *Com posidònia en un alzinar!*, written by the Mallorcan author Biel Simonet. The narrative intertwines different historical periods, from Roman times to the Spanish Civil War and the present, through the symbolic presence of posidonia, an endemic Mediterranean seagrass. Considering the novel's insular setting, this study explores how posidonia functions as an objective correlative for Mallorcan identity, collective memory, and political resistance in contexts of historical and environmental adversity. It also examines how posidonia becomes a

symbol of connection with other Mediterranean communities and contemporary humanitarian and ecological crises, while analysing the narrative mechanisms through which the novel promotes ecological and ocean literacy among young readers.

Biographical note

Francisca Maria Buades Pericás holds a Bachelor's degree in Catalan Language and Literature from the Universitat de les Illes Balears (2024) and a Master's degree in Linguistic and Literary Competence: Research and Teaching (2025) from the same university. She currently holds, since 2025, an FPI-CAIB predoctoral contract to carry out her doctoral dissertation within the PhD programme in Philosophy and Philology at the Universitat de les Illes Balears, and she is a collaborating member of the ERC Consolidator Grant project "Narratives of Environmental Crime at Sea: A Polyhedral Study of the Hegemonic Discourse on Crime and Environmental Harm at Sea (from 1982 to the present) – OCN". Her doctoral research focuses on the study of narrative works of contemporary Catalan literature whose central axis is environmental damage at sea, from the conceptual framework of ocean studies and ecocriticism.

Giuseppe Formato

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) / Lesley University

Graça Índias Cordeiro

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL) / Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte)

As memórias do Adamastor: uma narrativa insular entre imprensa, literatura açoriana e diáspora mariense

Resumo

Esta comunicação analisa a circulação de uma narrativa insular a partir de um episódio ocorrido na ilha de Santa Maria, Açores, em agosto de 1928. Perante um parto de elevado risco e a ausência de assistência médica local, foi enviado um pedido de socorro através da estação radiotelegráfica do Barreiro da Faneca. O cruzador português *Adamastor*, que navegava na região, respondeu ao apelo e desembarcou o médico de bordo, contribuindo para salvar a vida da parturiente e da criança. O acontecimento foi registado no jornal *A Lucta* e permaneceu vivo na memória coletiva mariense ao longo de várias décadas.Partindo de investigação documental, fontes jornalísticas, memória oral e arquivo familiar, a comunicação acompanha as sucessivas transformações desta narrativa através de diferentes espaços, gerações e suportes. Para além da sua preservação na memória comunitária da ilha, a história foi reconfigurada literariamente por Vitorino Nemésio em *Mau Tempo no Canal* (1944). Décadas mais tarde, continuou a circular através da trajetória de António *Adamastor* Monteiro Cabral, a criança salva em 1928, que emigrou para Cambridge, Massachusetts, em 1961. A permanência desta narrativa pode ser observada tanto na memória familiar transmitida entre gerações como nas recordações de habitantes de Santa Maria que continuaram a evocá-la ao longo do século XX. A sua circulação é igualmente visível em diferentes contextos jornalísticos e memorialísticos, desde *A Lucta* até ao jornal *Baluarte* e à imprensa luso-americana.Em diálogo com os *Island Studies*, que têm vindo a destacar as ilhas como espaços de mobilidade, circulação e conexão, argumenta-se que a relevância deste caso reside menos no acontecimento em si do que na sua capacidade de atravessar diferentes regimes de memória e representação. Entre imprensa, literatura açoriana e diáspora mariense, o "*Adamastor*" emerge como um operador narrativo que liga vulnerabilidade insular, circulação marítima e continuidade transatlântica, revelando a ilha como encruzilhada de mobilidades, mediações culturais e pertenças transoceânicas.

Nota biográfica

Giuseppe Formato é investigador associado no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) e Senior Lecturer na Lesley University. A sua investigação centra-se na sociolinguística, nas línguas de herança, nas migrações e nas diásporas açorianas. Tem publicado e apresentado trabalhos sobre as comunidades açorianas da Nova Inglaterra, explorando as relações entre língua, memória, identidade e pertença, com especial atenção à ilha de Santa Maria.

transatlântica; insularidade

Graça Índias Cordeiro é professora de Etnografia Urbana no Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), onde está afiliada ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte). As suas principais áreas de investigação são a antropologia urbana, a sociabilidade e a etnicidade. Lisboa tem sido o seu principal terreno de investigação. É autora e coautora de diversas publicações nacionais e internacionais e foi professora convidada em Espanha, no Brasil e nos Estados Unidos da América.

Hamza Terrafe

Université Ibn Tofail – FLLA, Kénitra, Maroc

« L'île Maurice en crise : destruction environnementale, disparition du vivant et héritage colonial dans Alma de J.-M.G le Clézio et Le Jour des Caméléons d'Ananda Devi »

Résumé

L'île est considérée à la fois comme un espace de circulation, de conflit, de recomposition culturelle et de vulnérabilité. Les changements climatiques et environnementaux influencent négativement l'état des îles, l'élévation du niveau des océans en guise d'exemple. Nous observons aussi au sein des îles le foisonnement des récits de migration, d'exil, d'identité et d'appartenance culturelle. Nombreux sont les spécimens d'étude que nous pouvons avancer dont l'île Maurice est un exemple. Nous proposons le rapprochement de deux auteurs mauriciens Jean-Marie Gustave le Clézio et Ananda Devi : *Alma* (2018) de Jean-Marie Gustave le Clézio et *Le Jour des Caméléons* (2023) d'Ananda Devi. Nous visons dans le premier axe la dénonciation de la destruction de l'environnement. Dans les deux récits, l'île Maurice se montre tel un espace fortement transformé par l'action humaine. Chez Ananda Devi, nous constatons la nature menacée par l'urbanisation, la surconsommation et la violence du monde moderne. J-M. G le Clézio évoque la disparition des paysages originels de Maurice, la destruction des forêts et la perte de la biodiversité. L'île devient alors symbole d'un monde en crise écologique. Dans le second axe, nous réfléchissons sur la disparition du vivant. Dans *Alma*, nous assistons à l'extinction d'espèces animales emblématiques de Maurice, notamment le Dodo. Dans le récit d'Ananda Devi, le vivant apparait fragilisé, en l'occurrence les caméléons, menacé par les activités humaines et la rupture entre l'homme et la nature. En dernier axe, il s'agit d'une critique de l'héritage colonial et capitaliste. Les deux auteurs établissent un lien entre l'exploitation des hommes et l'exploitation de la nature. Dans *Alma*, le Clézio rappelle comment la colonisation et l'économie des plantations (monocultures intensives précisément la canne à sucre) ont profondément modifié l'écosystème mauricien. Dans *Le Jour des Caméléons,* la critique vise davantage le capitalisme contemporain et ses effets destructeurs sur les êtres et les milieux naturels.

Notice biographique

Hamza TERRAFE. Doctorant chercheur à l'université Ibn Tofail /Kénitra-Maroc. Thèse en cours sur « Etude écocritique dans l'œuvre de J-M. G Le Clézio ». —, « De la fiction à l'essai : littérature et environnement : vers de nouvelles perspectives écocritique et géopoétique dans la lecture de J.M.G Le Clézio » (journée doctorale du laboratoire Littérature, Langage, Arts et Ingénierie pédagogique, 17 juillet 2023, université Ibn Tofail, Kénitra); « Pour de nouvelles perspectives d'étudier la littérature de portée écologique : l'écocritique,

l'écopoétique et la géopoétique » (article publié dans Ziglobitha) https://doi.org/10.60632/ziglobitha.n010.20.vol.3.2024; « La mer entre obsession, passion et refuge des accablés dans l'œuvre de Jean-Marie Gustave le Clézio », (communication lors du colloque – (Écrire la nature : du symbolisme à l'écopoétique. Littérature/littérature de jeunesse- L'Eau) ; tenu les 21-22 mars 2024 en visioconférence) ; publication en cours; « La perception animale entre mise dans la peau et fatalité du danger », intervention lors de la journée doctorale tenue à El Jadida-Maroc le 25 juin 2024; « L'Afrique sensorielle, autochtone et particulière aux yeux des voyageurs », communication tenue lors du colloque international -L'AFRIQUE : REGARDS SUR UN CONTINENT AUX REALITES MULTIPLES les 7-8 novembre 2024 au sein de la FLSH d'El Jadida- Maroc; « Le feu entre création de lumière et destruction de la terre », (communication lors du colloque – (Écrire la nature : du symbolisme à l'écopoétique. Littérature/littérature de jeunesse- Le Feu) ; tenu les 27-28 mars 2025 en visioconférence) ; (publication en cours)

Hervé Goerger

Université de la Sorbonne Nouvelle / Université du Kent

Nemo est une île. Enjeux de pouvoir posthumanistes dans les imaginaires insulaires de Verne et Wells

Résumé

Héritières des grandes îles utopiques de la tradition occidentale, dont celle de Defoe, l'île vernienne et l'île wellsienne forment paradoxalement des carrefours de rencontres dans des espaces (relativement) clos, deux lieux où, à travers la question du savoir, se rejouent les tensions entre hospitalité, domination et altérité. À travers une lecture comparatiste de *L'Île mystérieuse* de Jules Verne et de *The Island of Doctor Moreau* de H. G. Wells, cette communication analysera la manière dont ces espaces insulaires articulent simultanément l'accueil salvateur d'un refuge et la menace permanente de violence, dans une "hostipitalité" marquée par l'expansion coloniale, les circulations transocéaniques et l'essor des imaginaires scientifiques à la fin du XIXe siècle. En dialogue avec les *Island Studies* de Baldacchino et Hay et avec les réflexions postcoloniales d'Édouard Glissant et de Homi Bhabha, ces îles fonctionnent, dans notre analyse, comme des tiers-espaces où se négocient des relations entre formes hybrides du vivant, entre leurs connaissances et leurs identités respectives. Dans *The Island of Doctor Moreau*, les expérimentations du docteur produisent des êtres composites brouillant les frontières entre humain et animal ; dans *L'Île mystérieuse*, l'île Lincoln devient un laboratoire technique et écologique où l'autonomie humaine dépend d'interactions constantes avec un environnement non-humain. Les architectures insulaires apparaissent ainsi comme des microcosmes biopolitiques révélant des logiques de contrôle, de hiérarchisation et de transformation du vivant. "Nul homme n'est une île, complète en elle-même", écrivait John Donne : c'est peu dire que Nemo, fidèle à son nom, se joue d'une telle déclaration. Cette étude montrera enfin que la littérature d'anticipation de la fin du XIXe siècle fait de l'île un espace privilégié pour penser les relations entre mobilité, humanité et vulnérabilité environnementale, anticipant certaines problématiques contemporaines des cultures insulaires.

Notice biographique

Hervé Goerger est doctorant à l'Université de la Sorbonne Nouvelle et du Kent, diplômé du Master Théorie de la Littérature de la Sorbonne, de l'ENS et de l'EHESS. Les travaux liés à son projet de thèse, "Sciences et poétiques des formes du vivant de Jules Verne à H.G. Wells" ont été présentés à l'international aux colloques de l'ENS, de la Sorbonne, des Université de Bologne, de Lisbonne, de Montréal, de Clermont-Ferrand ainsi qu'à ceux de plusieurs sociétés littéraires (Émile Zola, Dix- Neuviémistes, Society for French Studies). Il a contribué aux ouvrages *Les insectes dans les arts de la scène* (2023) et *Balzac, le renouvellement du romanesque* (2023). Outre plusieurs publications sur Jules Verne, son étude de la pieuvre dans *Les Travailleurs de la mer* paraîtra dans la revue *Nineteenth-Century French Studies*.

Hugo Pinto

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Centro Científico e Cultural de Macau

Islandness como chave de leitura: Macau entre forma e representação

Resumo

Esta comunicação propõe ler Macau através do conceito de islandness, partindo da ideia de que a insularidade pode ser produzida e não é apenas geográfica. Considerando islandness como simultaneamente material e percebida, física e simbólica, argumenta-se que esta abordagem é produtiva para ler Macau, pois trata a forma do território enquanto condição que também é imaginada, e não apenas um dado geográfico neutro. Conforme se pretende mostrar, este duplo estado manifesta-se, com gradação diversa, num corpus heterogéneo de representações que cobrem quatro séculos. Trata-se, pois, de uma comunicação programática, uma proposta de enquadramento, que convoca textos escritos em diferentes quadros disciplinares (história, literatura, ensaísmo) para mostrar que islandness é uma condição latente que os atravessa. Com esta releitura de representações de Macau pretende-se destacar o território como exemplo de insularidade não-geográfica, ou seja, que a condição insular não decorre necessariamente da água, mas da delimitação, da excepcionalidade e da relação constitutiva, feita de múltiplas encruzilhadas, com o exterior. Nesse sentido, se islandness nos parece produtivo para ler Macau, esperamos igualmente que o inverso se verifique, e que o território possa servir como caso fecundo para revisitar o conceito.

Nota biográfica

Hugo Pinto é investigador dedicado ao estudo de Macau, da China, do Oriente e da cultura portuguesa. Atualmente, é doutorando em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e bolseiro do Centro Científico e Cultural de Macau / Fundação para a Ciência e Tecnologia. É licenciado em Comunicação Social e mestre em Ciências da Comunicação – Multimédia e Audiovisual pela Universidade do Minho.

O seu trabalho de investigação assenta num extenso percurso profissional no jornalismo. Ao longo de duas décadas, publicou em meios de comunicação social de Portugal e de Macau, maioritariamente – entre os quais Público, Observador, Visão História, Sábado, o jornal Ponto Final e a revista literária Mekong Review – e foi autor dos programas de rádio "Próximo Oriente" e "Falar de Memória", na Rádio Macau. Este trabalho valeu-lhe, por duas vezes, o "Prémio Macau — Reportagem", atribuído pela Fundação Oriente, bem como uma Menção Honrosa no mesmo concurso, em 2019.

A sua atividade académica inclui a docência e a edição. Em 2023, foi formador do curso livre "Macau, cidade de pecado – Histórias de transgressão na Cidade do Nome de Deus", realizado no Centro Científico e Cultural de Macau. Em 2022, coordenou, com Duarte Drumond Braga, o volume "A Abelha da China nos seus 200 anos: Casos, personagens e confrontos na experiência liberal de Macau", editado pelo Centro Científico e Cultural de Macau e pela Universidade de Macau.

Ian Kinane

University of Roehampton, London

Islands in the Global Imaginary: Mobility, Domination, and Cultural Reconfiguration

Keynote

Abstract

This paper investigates the multifaceted conceptualisation of the island within the global imaginary, challenging long-held Western perceptions of insularity as a condition of static, self-contained isolation. Rather than viewing islands as remote, static outposts disconnected from global currents, this paper argues that island spaces are inherently relational and defined by movement: the island is re-conceptualised not as a physical boundary, but as an active hinge and global crossroads where complex socio-cultural processes intersect.

To examine this dynamic, the paper analyses the persistence of enduring island narrative tropes across a broad historical trajectory, spanning from foundational classic literature like *Robinson Crusoe*, *The Coral Island*, and *The Mysterious Island* to contemporary media such as *The Beach* and the reality television phenomenon *Survivor*. Through these texts, the paper illustrates how the island has consistently functioned as an ideological and psychological stage: a microcosm where systemic issues of mobility, colonial domination, human vulnerability, and cultural purity collide.

The paper concludes that the global imagination projects its deepest desires and anxieties onto the geographic canvas of the island. Far from being peripheral spaces of stillness, islands serve as highly volatile sites of cultural reconfiguration. It is precisely within these bounded yet porous spaces that identity, power dynamics, and cross-cultural hybridity are continuously performed, contested, and renegotiated on a global scale.

Biographical note

Dr. Ian Kinane is Associate Professor/Reader in Literature and Popular Culture and Director of the Centre for Society, Culture, and Social Change at the University of Roehampton, London. His books include *Bisexuality and Popular Culture* (2026), *On the Very Edge: Bidentities in Michelle Cliff's Fiction* (2024), *Ian Fleming and the Politics of Ambivalence* (2021), *Isn't it Ironic?: Irony in Contemporary Popular Culture* (2021), *Didactics and the Modern Robinsonade* (2019), *Theorising Literary Islands* (2016), and (with Downey and Parker) *Landscapes of Liminality: Between Space and Place* (2016). Ian is also the general editor of the online, open-access *International Journal of James Bond Studies* and the forthcoming *Cambridge Companion to Ian Fleming*.

Ignacio Martínez-Armas

Universitat de les Illes Balears

The environmental offender narrative: individual or industry.

Panel: Environmental and cultural damage: (De)Construction of identities

Abstract

This proposal explores how film-narratives are portraying marine pollution and how coastal communities are as well polluted. Ocean plastic or toxic discharges are normally represented through their environmental consequences. Through two different Valencian films, we use the audiovisual medium to look at how human life changes in the context of environmental damage. Particularly, we

look at two dimensions. Firstly, we are interested in how plastic pollution is represented as an individual responsibility problem. Drawing from psychoanalytic-film frameworks, this proposal analyzes how eco-guilt is constructed. Secondly, we look at how the industrial infrastructures that are ultimately the material source of pollution are represented, and how human life is modified among these industrial landscapes.

Biographical note

Ignacio Martínez-Armas is a member of the research group ERC CoG Ocean Crime Narratives at University of the Balearic Islands. He works as a PhD Candidate, researching on the representation of environmental harm at sea in contemporary film, with an interdisciplinary narratological approach. He also collaborates with the group Figuraciones del Capitaloceno en el cine hispanoamericano (Pontifical Catholic University of Chile). Recent publications include a study on the films and style of Jean Painleve (2023) and the material impact of film productions (2025).

Inês Pereira Ribeiro

Universidade dos Açores

A ilha como encruzilhada cultural: representações da alteridade à pertença em *Estranhos em Terra Estranha*, de Marion Hartley

Resumo

Considerando que a atualidade continua marcada por conflitos armados, migrações forçadas e deslocamentos populacionais, torna-se pertinente refletir acerca das transformações resultantes do contacto prolongado entre sujeitos provenientes de universos geográfica e culturalmente distintos. Assim, partindo da análise de *Estranhos em Terra Estranha* (Marion Hartley, 2015) e da conceção de ilha enquanto espaço de encontro entre culturas, a presente comunicação propõe uma reflexão acerca do modo como a experiência de contacto continuado com uma realidade tão diversa – neste caso, a açoriana – conduz à progressiva transformação do olhar sobre o arquipélago, que, marcado, numa primeira instância, pela alteridade, distância cultural e estranheza relativa a determinadas condições da vivência insular, à medida que as relações com o espaço, com o seu povo e com a sua cultura se intensificam, cede lugar a uma crescente sensação de proximidade e pertença cultural. Neste sentido, procura-se evidenciar a forma como, na obra, são representadas a cultura e a vivência açorianas, permitindo a compreensão da ilha como espaço de fechamento e isolamento, mas de encruzilhada cultural, caracterizada por um contacto entre diferentes experiências, vivências e perceções, que se cruzam e se transformam mútua e progressivamente. Além disso, pretende-se demonstrar como é que a descrição da estadia de Marion Hartley nos Açores – que, partindo de local de movimento para lugar de fechamento, evolui da alteridade para a pertença – comprova a noção de que a experiência insular permite a reconfiguração de perceções, a produção de novas formas de relação com o espaço e a construção de sentidos identitários emergentes do encontro com o outro.

Nota biográfica

Inês Pereira Ribeiro é professora de Português e de Inglês. Sendo licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses e mestre em Ensino de Português e de Inglês no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário pela Universidade dos Açores, ciclo de estudos no âmbito do qual defendeu a dissertação intitulada A tecnologia educacional na construção de um currículo relevante: uma abordagem no ensino de Português e de Inglês, encontra-se em fase de candidatura ao doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares na mesma instituição. Os seus interesses de investigação centram-se nas representações da experiência insular na literatura açoriana, nas relações entre espaço, identidade e pertença cultural e nos processos de construção simbólica da insularidade, dedicando particular atenção ao potencial da literatura para a

construção de sentido e para a promoção de aprendizagens significativas no ensino do Português em contextos insulares.

Isabel Maria Gomes Guedes

Escola Básica Integrada da Maia

Aprender com a ilha: a Identidade Cultural Insular na Infância. O Ambiente Natural como território ideal

Resumo

A construção da identidade cultural e do sentido de pertença inicia-se desde os primeiros anos de vida com as brincadeiras e as experiências em conexão com o ambiente natural, sendo a educação pré-escolar um contexto previligiado para a construção deste processo. É no pré-escolar que o ambiente natural se assume como um espaço de aprendizagem e vivência da cultura, proporcionando às crianças experiências significativas, pois permite-lhes o contacto direto com o património natural, social e cultural da sua comunidade. Através da exploração do território envolvente e das tradições locais que lhes são proporcionadas a vivenciar, a criança reconhece as suas raízes culturais, fortalece o seu sentimento de pertença e valoriza a sua identidade insular. Assim, pode-se considerar o contexto natural como potencial transmissor e preservador da cultura local junto das crianças em idade de pré-escolar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) os saberes e o desejo de aprender das crianças são ampliados sempre que há contacto com as mais diversas manifestações de cultura. Neste processo, cabe ao educador valorizar a cultura de cada criança como sujeito e agente do processo de aprendizagem, ajudando-as a construir a sua identidade social e cultural. No contexto açoriano, estudos desenvolvidos por Moniz (2013) e Amaral (2019) destacam a importância da integração do património cultural regional nas práticas educativas, de forma a que as crianças conheçam e valorizem as tradições e os costumes do contexto onde vive. Para Bulhões (2024), a cultura constitui um elento central na construção da identidade das novas gerações, reforçando os laços entre a criança e a comunidade. Trabalhar a cultura em ambiente natural com crianças do pré-escolar desenvolve um maior sentido de pertença, de valorização, de respeito e de cuidado pelo seu património cultural, tornando-a cidadã consciente da importância de preservar a sua cultura e identidade insular.

Nota biográfica

Isabel Guedes (1962), natural de Moçambique e residente em S. Miguel. Licenciada em Educação de Infância pela UTAD, mestrada em Administração e Organização Escolar, pela UA e em interrupção temporária dos estudos doutorais em Estudos da Criança – Especialidade Educação Física e Saúde Infantil – UA.

Comunicações realizadas: - *Brincar ao ar livre na infância. Em prol de um estilo de vida ativa e saudável* - 10º Congresso Internacional em Saúde: Empreendedorismo e Inovação - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

- *Tempo de recreio escolar na infância. O brincar ativo livre em ambiente natural* - I Congresso Internacional de Saúde e Educação Infantojuvenil da Ilha Terceira.

- *Tempos livres de recreio escolar na infância. O ambiente natural como palco de bem-estar* - XVII Seminário de Desenvolvimento Motor da Criança - Escola Superior de Educação e Comunicação de Faro.

- *Brincar ativo no recreio escolar na infância. O ambiente natural como território ideal* - II Seminário "Direito ao Tempo Livre, Lazer e Cultura na Infância e Juventude - Rede Municipal CATL/ A Ponte Norte.

- *O risco nos espaços de brincar no pré-escolar* (resumo submetido) - 4th Porto International Conference on Research in Education - Symposium: Infância ativa: explorando o brincar, as interações entre pares e o risco para um crescimento seguro.

Exerce funções de formadora nos cursos do PROFIJ, tipo 2, nível II, os quais coordena, funções de Coordenadora do Departamento da Educação Pré-escolar e da Entidade Formadora da EBI da Maia.

Joanna Cumyn

Cégep de la Gaspésie et des Iles (Québec, Canada)

Narrating Identity : The global paradigm as a collective locality in Dionne Brand`s *At the Full and Change of the Moon* and Peter May`s *Entry Island*.

Abstract

Many theorists have recently attempted to understand the processes of globalisation and its effects on today`s cultural formations. Whereas discourses on globalisation potentially encompass an implied universalism, the local subsumes a position of marginality. Thus, demarcations of global/local territories, either as political nations, cultural spaces, or geographical locations result in potentially exclusionary and therefore hegemonic divisions. If the theorising of global/local positionalities is reminiscent of earlier postcolonial centre/periphery debates, it is possibly because we continue to strive towards identifying and resisting new imperialisms and their subsequent effects not only on global relations but on our understanding of "culture" and national identity. What appears to be an unresolvable tension between the global and the local, could potentially be a strategic sites of cultural and linguistic resistance. My paper will argue that Brand`s novel intervenes in the global/local discussion and reconfigures Arif Dirlik`s "glocality". Culebra Bay, on the island of Trinidad, is implicitly marginalised within economic and cultural globalisation, and emerges as a place in which origins are not only diasporic but local and diverse. Perhaps as many critics point out, the local and the global are inherent within one another, but one must pay particular attention to their unique circumstances : historical, political, cultural, textual or economic, which characterise their difference. Entry Island, a tiny island in the middle of the Atlantic, undoes an essentialized notion of place and unlocks an irretrievable past "time" of Scottish ancestors that were forced into exile by their landowners. The island furthermore becomes a transitional space between individual and collective past histories and thus negotiates intercultural and interlinguistic spaces between English and Gaelic Scotland and French Québec.

Biography

Joanna Cumyn teaches postcolonial literatures at the Cégep de la Gaspésie et des Iles, campus des Iles. She focuses on diasporic writers from Québec and Canada and the construction of sustainable identities in postcolonial writing.

João Moreira da Silva

Universidade de Cambridge

Entre a Terra e o Mar: Como Estudar a História das Ilhas Afro-Atlânticas?

Resumo

Esta apresentação explora as ilhas afro-atlânticas enquanto espaços distintos de poder e identidade na história de África e do Atlântico. Partindo do caso de São Tomé e Príncipe na viragem do século XVIII para o XIX, delinearei as características que distinguem os espaços africanos insulares dos espaços continentais – por exemplo, a sua delimitação espacial pelo mar, a ligação "umbilical" destas ilhas às rotas comerciais do Atlântico, as suas conexões e desconexões aos continentes africano e americano, ou as particularidades do "encontro" entre ilhéus e estrangeiros que aportavam às ilhas. Partindo destas características únicas, será ensaida uma metodologia para analisar a história das ilhas afro-atlânticas que combina aprendizagens da História de África com outras geografias atlânticas, desde o Brasil ao Caribe. Utilizando como caso-estudo as ilhas de São Tomé e Príncipe entre 1780 e 1820, procurarei demonstrar como o poder, resistência e identidade nestas ilhas africanas resultou de um

cruzamento de saberes e recursos que chegava de vários locais do Atlântico – desde Portugal e França, ao Brasil e Angola. Navegando estes encontros com estrangeiros num contexto insular, os desafios e oportunidades dos ilhéus africanos seriam fundamentalmente distintos dos africanos do continente.

Nota biográfica

João Moreira da Silva é doutorando em História na Universidade de Cambridge. A sua investigação, financiada pela *Cambridge Trust & King's College International Scholarship*, foca-se na história de São Tomé e Príncipe durante a era das revoluções atlânticas nos séculos XVIII e XIX. Completou o seu mestrado na SOAS (University of London), com uma tese sobre Mário Domingues, e a sua licenciatura em Direito na Universidade de Lisboa. Em Cambridge, é co-organizador do *Oceanic and Maritime History Workshop,* supervisor no curso de *Modern Latin America* e estudante-mentor no *Joint Centre for History and Economics*.

Justine Faraut

Doctorante en Histoire moderne et contemporaine, histoire de l'art et de la musique (4200032 – 22), UMR CNRS 6240 LISA – ICPP ; Université de Corse

Entre assignation et réappropriation : représenter l'île de Corse dans les discours

Résumé

Les représentations de la Corse ne relèvent ni d'un regard extérieur unique ni d'une auto-définition autonome, mais se construisent dans une tension entre assignations exogènes et stratégies endogènes de réappropriation. L'île apparaît ainsi comme un espace de co-construction où se négocient des formes d'identité insulaire. Le raisonnement s'articule autour de deux visions, d'abord le regard de l'Autre, qui tend à produire des représentations stéréotypées de la Corse (île sauvage, violente ou authentique), notamment dans les récits de voyageurs, les discours médiatiques et politiques. Ensuite, dans un contexte marqué par une pression démographique accrue et l'intensification des flux – qu'ils soient temporaires ou durables –, ces dynamiques peuvent accentuer un sentiment de saturation territoriale et nourrir des formes de réaffirmation identitaire, voire de revalorisation culturelle. L'auto-représentation s'inscrit dans ce cadre, à travers une réappropriation culturelle passant par la langue, la mémoire et les productions artistiques, visant à reprendre le contrôle du récit identitaire (*riaquistu*). L'insularité ne se limite dès lors pas à une frontière géographique, mais produit également une frontière symbolique susceptible de renforcer des logiques de fermeture et de repli identitaire. L'entre-deux (ou « tiers-espace ») peut alors être compris comme un espace de tension où les représentations extérieures influencent, transforment ou sont contestées par les discours locaux. L'identité insulaire s'y construit moins dans l'opposition que dans une négociation permanente, marquée à la fois par des résistances et des recompositions. Ces processus s'inscrivent dans une transformation plus large des représentations de l'île, passée d'une image marginalisée et violente à celle d'un territoire valorisé, mais traversé par des tensions entre tradition, modernité et recompositions identitaires.

Notice biographique

Justine Faraut est doctorante en histoire moderne et contemporaine à l'Université de Corse. Ses recherches portent sur les dynamiques migratoires en Corse, dans le cadre d'un travail intitulé « Histoire des migrations en Corse : discours, pratiques et réalités depuis 1820 ». Elle publiera prochainement un article dans le catalogue de l'exposition « Corsica-Maghreb : Une histoire en miroir 1830-2026 » (musée de Bastia), consacré aux femmes corses en diaspora et à leur place, longtemps marginalisée, dans une historiographie dominée par les figures masculines.

Kathleen Mendonça Gomes

Universidade dos Açores

Ilha como ponto de encontro e confronto em *Livro de Vozes e Sombras* de João de Melo

Resumo

A comunicação propõe uma reflexão sobre a representação da ilha em *Livro de Vozes e Sombras* de João de Melo, centrando-se na tensão entre duas perspetivas distintas: a visão de dentro, associada à figura masculina insular de Mariano Franco, e a visão exterior, representada nas personagens femininas continentais, sobretudo Cláudia Lourenço e Matilde. A análise procura demonstrar de que modo o romance constrói a ilha não apenas como espaço geográfico, mas como território identitário, marcado pela oposição entre pertença e estranhamento, enraizamento e clausura. O espaço insular surge, para a personagem masculina, como lugar de proteção, autenticidade e reencontro consigo próprio. Em contraste, as personagens femininas continentais projetam sobre a ilha um olhar exterior, frequentemente marcado pela sensação de sufoco, estranheza e melancolia. Assim, a oposição entre o olhar insular masculino e o olhar continental feminino permite problematizar diferentes modos de habitar e interpretar a ilha, concebida pela narrativa como um espaço onde convergem imaginários de sedução, conflito e incomunicabilidade.

Nota biográfica

Kathleen Mendonça Gomes licenciou-se em Português e Inglês (via ensino) pela Universidade dos Açores, em 1997, sendo, desde então, docente da disciplina de Português na Escola Básica e Secundária da Calheta, onde tem também desempenhado cargos de gestão e coordenação pedagógica. Concluiu, em 2025, o Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística, na Universidade dos Açores, tendo desenvolvido, no âmbito da dissertação final, um estudo comparativo entre o romance *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo, e a respetiva tradução para a língua inglesa, *Happy People in Tears*. Atualmente, frequenta o doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares, na mesma instituição, estando a desenvolver um trabalho subordinado ao tema: "Entre a ilha e o mundo: identidade insular, alteridade e diálogo literário na obra de João de Melo".

Laia Ventayol-García

Universitat de les Illes Balears

The geography of tourism in the sci-fi novel *Deimos*, by Lucía Pietrelli.

Panel: Environmental and cultural damage: (De)Construction of identities

Abstract

My proposal departs from the sci-fi novel *Deimos*, written by Mallorca author Lucia Pietrelli. The plot depicts an island where inhabitants undergo oppressive feelings because in this paradise enclave death does not exist, although people are willing to die. Taking into account that the novel was written from an insular and touristified geography, I aim to think of Mallorca as if it was mirroring *Deimos*, an island without death. Since different local as well as international theorists like Laura Torres or Marc Augé have been writing about mass tourism related to humanity's death, this study will follow their perspectives although thinking about the possibility of its opposite, that the lack of death is precisely what defines highly touristified geographies.

Biographical note

Laia Ventayol-García is an independent visual artist and PhD candidate in contemporary literature, whose research focuses on materiality at sea and power building narratives. She is part of the research group ERC CoG Ocean Crime Narratives (OCN) and collaborates as well in the group Literatura contemporània: estudis teòrics i comparatius (LiCETC), both affiliated to the Department of Catalan Philology and General Linguistics at the Universitat de les Illes Balears. She conducted different research stays in the University of Hong Kong (HKU) in 2025 and at the Seoul Museum of Art (SeMA) in 2022. She has recently published a study on sea-level rise narratives (Theory Now) and another one on salvage and linguistic protocols at sea (Folia Germà Colón).

Leonor Martins Coelho

Universidade da Madeira e Centro de Estudos Comparatistas

Entre ilhas e horizontes: fragilidades insulares e imaginários migratórios em *Ilha-América* de Pedro Almeida Maia

Resumo

As ilhas devem ser pensadas não como espaços periféricos isolados, mas como nós ativos de mobilidade, estruturados por circulações constantes. Em vários romances açorianos contemporâneos, as ilhas ocupam o centro de um imaginário atravessado pela tensão entre enraizamento e evasão. O arquipélago surge, efetivamente, ora como um espaço marcado pela precariedade, pelo isolamento e pela espera, ora como ponto de partida para um lugar idealizado. Nessa perspetiva, o mar torna-se um eixo central de circulação e de rutura, onde se redefinem múltiplas trajetórias humanas. Trata-se de uma dinâmica que atravessa a obra de Pedro Almeida Maia, nomeadamente os romances *Condenação* (2025), *A Escrava Açoriana* (2022) e *Ilha-América* (2020), nos quais a experiência insular é indissociável das mobilidades atlânticas e dos imaginários migratórios. Situada no período pós-Segunda Guerra Mundial, marcado pelo impacto da construção do aeroporto na ilha de Santa Maria e pela presença norte-americana, e desenrolando-se num contexto condicionado pela crise vulcânica dos Capelinhos, a diegese de *Ilha-América* evidencia como a fuga para a América se impõe como horizonte dominante. O protagonista, Mané, encarna esse impulso migratório ao empreender, em 1960, uma travessia clandestina, escondido no trem de aterragem de um avião transatlântico. O seu percurso, interrompido e desviado, acabará por conduzi-lo a um regresso forçado aos Açores, não sem antes ser interrogado pela PIDE, em Lisboa. Nesta comunicação, abordaremos *Ilha-América* para destacar essa trajetória e evidenciar um Atlântico da circulação condicionada, em que a viagem não conduz, necessariamente, à concretização do sonho migratório, mas antes a uma reconfiguração da experiência do protagonista. O espaço insular surge, assim, como lugar de partida e de regresso, estruturado pelas dinâmicas atlânticas e pelos imaginários açorianos da fuga.

Nota biográfica

Leonor Martins Coelho é professora associada na Universidade da Madeira e investigadora integrada no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Participa regularmente em colóquios internacionais. Tem (co)organizado colóquios, jornadas e seminários. Na intersecção dos Estudos de Cultura com os Estudos Literários, destacam-se, de entre as suas publicações, *Gérard Aké Loba: Utopia e Identidade Pós-colonial* (2019), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo* (co-coord., 2021*)* e *Insularidades. Rotas. Gentes. Lugares* (coord., 2021), *O Teatro de José Saramago. (Im)possibilidades da Utopia* (2022) e *Vício Impune. Textos e Leituras* (2023). Os seus ensaios, artigos e recensões estão publicados em revistas nacionais e internacionais, tais como *Dedalus*, *Colóquio/Letras*, *Limite* e *Reflexos*.

Leonor Sampaio da Silva

Universidade dos Açores / CHAM – Centro de Humanidades, NOVA/UAc

A ilha como "possibilidade": viagens e interações em *Um passo para Sul*, de Judite Canha Fernandes

Resumo

Diversos autores, como Godfrey Baldacchino (2013) e Pete Hay (2006), têm indicado a viagem como um elemento central na compreensão das realidades insulares. A relevância do tema sai reforçada perante a forte carga simbólica daquilo que Hay (2006, p. 22) designa como «a site of possibility»: a orla costeira, entendida como «a mobile, fluid, or permeable boundary». É nesse ponto de encontro da terra com o mar que a ilha se estende para além das suas fronteiras, vivendo de trocas e interações com outros espaços, sejam eles insulares ou não, através de uma mobilidade não apenas centrípeta (de chegada) ou centrífuga (de partida), mas também *ascensora*, termo que usamos para designar um traço assinalado por Bassnett e Stephanides (2008, p. 7) a propósito de insularidade: «On islands, things change, or […] things rise to the surface, and are made visible». Um dos aspetos que emergem durante uma viagem é a identidade (Lipski, 2018); outro, as dinâmicas de poder inscritas em cada espaço (Cronin, 2000). Com base nestes pressupostos propomo-nos apresentar uma leitura do romance *Um passo para Sul*, de Judite Canha Fernandes, uma narrativa de viagens físicas e sentimentais, que nos leva por diversos espaços (Lisboa, Cabo Verde, Açores, Madeira), enquanto espelho das relações complexas que os espaços insulares mantêm com o exterior e o interior (telúrico e humano). A interrogação de base: «Que lugares de possibilidade existem no romance através da viagem?» articular-se-á com a perspetiva de Bassnett e Stephanides bem como com a tese de Lipski e a tese de Cronin para demonstrar o efeito da mobilidade na formação da identidade, o que, por seu turno, exige distinguir viagens realizadas de viagens sonhadas, e conhecer as diversas fases da interação que ocorre em cada espaço: chegada, embate com o poder, conflito, resolução, partida.

Nota biográfica

Leonor Sampaio da Silva é Professora Associada no departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, na Universidade dos Açores, e membro integrada do CHAM-Centro de Humanidades, NOVA/UAc. Doutorada em Cultura, leciona e investiga sobretudo na área da cultura contemporânea, cruzando os estudos culturais com a literatura, os estudos visuais e os estudos de tradução. Em 2010 publicou um estudo histórico e cultural da Academia das Artes dos Açores, intitulado *Um pacto com as artes: 30 anos da Academia das Artes dos Açores* (editado pela Direção Regional da Cultura). As suas publicações incluem também traduções, artigos científicos, capítulos e coordenações de livros. Além disso, dedica-se à escrita literária, contando com várias obras publicadas, nos géneros de conto, poesia e romance. Em 2014, venceu o Prémio de Humanidades Daniel de Sá e em 2023 foi finalista do Prémio LeYa.

Lucía Palacios Corcuera

Universidade dos Açores

Translating island literature: Andrea Abreu's *Panza de Burro* and its Portuguese version.

Abstract

The translation of island literature is an area that is still understudied. However, translation theory has identified a tendency for literature from peripheral cultures, such as island cultures, to have greater difficulty in penetrating the international book market. This is why it is remarkable that *Panza de Burro* (2020), even though it is deeply rooted in Canarian culture, with many traits that will probably be

unknown even to the Spanish reader, had such an immediate success abroad. This project aims to showcase the transnational circulation of the island society's identity that this book represents. The analysis has been carried through elaborating in two different features: firstly, by looking into the context that reframes three of the translations, however, in this presentation the focus will be given to the Portuguese text, *Pança de Burro* (2023); and secondly, by examining how certain traits of the novel have been translated. The aspects commented on will namely be the Spanish variation from the Canary Islands, neologisms, culture specific words, references to myths and to places on the islands, other cultural references such as gastronomy and weather conditions, idiomatic expressions, representation of pronunciation, the use of English, and the use of compensation as a strategy. The purpose of this research is to underline that island literature represents diverse cultural, linguistic and geographical contexts; in this case, the text is marked by linguistic and cultural nuances that reflect that the Canary Islands is the context where its story takes place. This study also highlights that these works can reach wider audiences through translation, creating connections across oceans and continents. In doing so, translation transforms islands from seemingly isolated geographic spaces into dynamic crossroads where local and global cultures, as well as diverse linguistic communities, meet, interact, and exchange ideas.

Biographical note

Originally from Asturias, on the North coast of Spain, Lucía Palacios Corcuera is a third year student at the University of the Azores in the Island Literature and Culture doctorate program. Her interest in translation and island literature has been shaped since she studied Translation and Interpretation at the University of Las Palmas de Gran Canaria. Later on, while teaching Spanish and studying a Masters in Hispanic Culture and Literature at the University of Hawai'i, she grew to understand how translation can be used as a powerful tool to open doors for island literature across oceans.

Luísa Antunes Paolinelli

Universidade da Madeira/CLEPUL/CEG

Baltazar Dias: entre o local e o global

Resumo

Embora produzidas em contexto nacional, as peças do madeirense Baltazar Dias - inseridas na tradição do teatro quinhentista ibérico, mas dialogantes com a longa tradição carolíngea, renovando-a - integraram redes culturais mais amplas do mundo português, ultrapassando fronteiras temporais e espaciais. No contexto insular, esta dinâmica é particularmente evidente em São Tomé, onde o Tchiloli, uma manifestação teatral tradicional, exemplifica a adaptação local de narrativas europeias. De facto, a *Tragédia do Marquês de Mântua* evidencia o modo como a obra de Baltazar Dias foi apropriada, transformada e ressignificada num contexto insular africano. O mesmo acontecerá com *A História da Imperatriz Porcina,* no âmbito da literatura de cordel, no Brasil. A permanência e recriação destes textos demonstram a sua capacidade de estabelecer pontes entre o local e o universal, entre a Idade Média e a contemporaneidade, revelando Baltazar Dias como um autor cuja obra se constrói na tensão produtiva entre raízes insulares e circulação global. Partindo das reflexões de Roland Robertson (*Globalization: Social Theory and Global Culture*, 1992) sobre a articulação entre o local e o global, e dos conceitos de mundialização cultural desenvolvidos por Arjun Appadurai (*Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*, 1996), procura-se compreender como um dramaturgo insular do século XVI ultrapassa as fronteiras do seu contexto de origem. Simultaneamente, as perspetivas sobre insularidade presentes em autores como Édouard Glissant, Giulio Angiolini (*Fare dire sentire. L'identico e il diverso nelle culture*, 2011) e Franco Cassano (I*l pensiero meridiano*, 2005), permitem interpretar a ilha não como espaço de isolamento, mas como lugar de circulação, encontro e reinvenção cultural.

Nota biográfica

Professora Associada com Agregação da Universidade da Madeira. Acompanha o projeto "AprenderMadeira" como coordenadora da área de Literatura. Participa em vários Comités Científicos de revistas portuguesas e estrangeiras e é co-editora chefe da Naus-Revista de Estudos Culturais e Lusófonos. É membro do conselho científico de instituições de investigação, como o Centro de Estudos Europeus Sirio Giannini, a Fundação de Estudos Avançados Dino Terra, entre outros. É membro do CLEPUL (Universidade de Lisboa), do Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta) e presidente da ADEGI, Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares. É Conselheira Correspondente da Fundação Nacional Carlo Collodi e membro da Comissão Científica da Obra Nacional de Carlo Collodi (Presidência da República Italiana).

Madison Densmore

Université Lumière Lyon 2 — École doctorale Passages XX-XXI

Tahiti, île hétérotopique : construction et déconstruction d'un espace insulaire fantasmé

Résumé

Lorsque Bougainville baptise Tahiti « Nouvelle Cythère » en 1768, il ne découvre pas une île : il en fabrique une. Cette communication propose d'analyser Tahiti comme hétérotopie au sens de Michel Foucault (1967) : un lieu réel, « utopie effectivement réalisée », où tous les autres emplacements d'une culture sont à la fois représentés, contestés et inversés. L'île offre en effet un paradoxe : décrite comme une utopie, un « nulle part », elle est pourtant un lieu bien réel, habité. Elle existe… et elle n'existe pas. Partant de l'espace « hanté de fantasme » que Foucault décrit à la suite de Bachelard, puis de sa métaphore du miroir, je mettrai cette hypothèse à l'épreuve en confrontant Tahiti aux six principes de l'hétérotopie, à partir de ma thèse de doctorat en littérature comparée (Université Lumière Lyon 2, 2025). Récits de voyage (Bougainville, Fesche), littérature (Diderot, Loti, Chadourne), peinture (Gauguin), cinéma, tourisme et essais nucléaires français révèlent une hétérotopie à géométrie variable : déviation aux yeux des Européens, paradis moral à réformer pour les missionnaires, espace d'évasion, laboratoire colonial, produit touristique. À chaque étape, l'île réelle disparaît derrière l'île fantasmée, parce que l'hétérotopie exige précisément cette tension entre le lieu et sa représentation. En effet, cet imaginaire circule entre langues, médias et genres en s'autoalimentant. C'est cette logique que viennent heurter les écrivaines polynésiennes contemporaines comme Chantal T. Spitz, Célestine Hitiura Vaite ou Titaua Peu, qui écrivent depuis l'intérieur de l'île pour en restituer la complexité. Elles construisent ainsi le tiers-espace (*Third Space*) théorisé par Homi K. Bhabha, lieu de négociation permanente entre l'hégémonie coloniale française et la résistance de la culture tahitienne : ni l'île fantasmée par l'Occident, ni un retour illusoire à une identité précoloniale figée, mais un espace de réinvention culturelle inédit.

Notice biographique

Madison Densmore est professeure agrégée d'anglais au lycée Rosa Parks à Neuville-sur-Saône et docteure en littérature comparée de l'Université Lumière Lyon 2, où elle a soutenu sa thèse en juin 2025 sous la direction de François Géal. D'origine américaine, elle a fait la plupart de ses études aux États-Unis (Bac+5), y compris un semestre d'échange à l'Université de Polynésie française à Tahiti, qui l'a incitée à entreprendre sa thèse. Intitulée « La vahiné, fantasme occidental des mers du Sud : Genèse et circulation des représentations de la femme tahitienne dans les récits de voyage, la littérature et les pratiques artistiques à travers les siècles », sa thèse couvre plus de deux siècles de représentations transnationales et transmédiales. Ses intérêts de recherche croisent la littérature comparée, les études postcoloniales et les études de genre. Elle a participé à plusieurs colloques internationaux portant sur les littératures francophones du Pacifique, l'exotisme et les représentations de l'altérité. Ses recherches portent sur les

représentations de la femme polynésienne dans les littératures et pratiques artistiques occidentales depuis le XVIIIe siècle, ainsi que sur les littératures émergentes de la Polynésie française contemporaine.

Maria Luísa Jardim

Universidade da Madeira – Faculdade de Artes e Humanidades

Entre o Próximo e o Distante: insularidade e diálogo com o exterior na obra de Joel Neto

Resumo

Esta comunicação visa analisar as dinâmicas de insularidade na obra de Joel Neto, focando-se na forma como a sua escrita problematiza a vivência na ilha perante a abertura ao exterior. Partindo do segundo volume de *A vida no campo* (2019), exploramos como o autor, embora ancorado no Lugar dos Dois Caminhos (ilha Terceira), convive com posicionamentos transnacionais, memórias de viagens e referências internacionais, procurando compreender a articulação que se estabelece entre o Próximo e o Distante. Para ilustrar esta convivência, destacamos, entre outras dinâmicas, a experiência de transespacialidade vivida pelo autor na Califórnia. Aí, a afinidade com a obra de Steinbeck torna o território tão familiar que, mesmo longe dos Açores, Neto experimenta uma sensação de pertença que converte a viagem num "regresso" conceptual e existencial, no qual a literatura funciona como um espaço de mediação onde as distâncias se esbatem. Esta abertura materializa-se em múltiplos episódios ao longo do segundo volume de *A vida no campo*. É o que sucede quando o autor evoca a imagem do cruzamento entre navios gregos, automóveis franceses e um músico holandês, quando reflete sobre o papel dos Açores na geopolítica internacional ou quando aborda a relação com a Base das Lajes, por exemplo. A escrita de Neto desafia, por conseguinte, a dicotomia tradicional que posiciona o continente como centro e a ilha como margem. Assim, o território assume-se, na obra do autor, como o núcleo dinâmico das suas vivências, revelando que a insularidade recusa o isolamento, ao configurar uma relação de continuidade e diálogo permanente entre a ilha e o exterior. Como sintetiza Joel Neto, esta dinâmica coloca os Açores no centro do mundo ou, pelo menos, aí garantiu a sua presença, até esse centro ter migrado para outras paragens, como destacaremos neste trabalho.

Nota biográfica

Maria Luísa Jardim é licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra, advogada na Região Autónoma da Madeira e mestranda em Estudos Regionais e Locais na Universidade da Madeira. Encontra-se a desenvolver a sua investigação subordinada ao tema: "A literatura como testemunho da vida insular: *A Vida no Campo*, de Joel Neto – os diários da Ilha e do Mundo".

Maria Luísa Leal

Universidad de Extremadura

Vitorino Nemésio e Ruy Cinatti: memória poética e referencialidade na representação insular

Resumo

O estudo em curso pretende dar conta de como duas vozes singulares elaboram as respetivas memórias insulares e as representam como um refúgio ameaçado pelo real. No caso de Nemésio, estuda-se o livro escrito em francês, em Montpellier, *La voyelle promise* (1935), como exemplo de "açorianidade" móvel. Criado pelo autor em 1932, o conceito de "açorianidade" tem, nesta obra, a particularidade de se ver exacerbado pela distância física da realidade insular. Outra particularidade

interessante para a presente discussão sobre hibridismo e lugares de trocas culturais é o facto de essa "açorianidade" surgir numa poesia escrita numa língua outra, fenómeno que revela a capacidade de tradução e universalização daquilo que, para Nemésio, perdura para além das ilhas, o mar. Dada a tradicional arrumação de obras e autores em literaturas nacionais, as obras escritas numa língua diferente da do autor tendem a não ser reivindicadas pela literatura da língua de escrita e a cair no esquecimento. Porém, o espaço intermédio em que se inscrevem coloca interessantes questões sobre tradução, estratégia autoral e capacidade de representação de temas e motivos. O segundo livro estudado, *Corsário das ilhas* (1956) enquadra-se nas narrativas de viagens e memórias e nele se destaca o movimento de regresso ao arquipélago e o embate com a realidade que pode ser lido como ameaça à ilha refúgio, mitificada, o que reforça a imagem nemesiana da ilha como espaço contingente. Tanto em Vitorino Nemésio como em Ruy Cinatti, encontramos espaços insulares com uma dupla vertente, observada em textos com diferentes registos discursivos: a ilha surge como espaço utópico (espaço insular da infância em Nemésio e da harmonia timorense em Cinatti), com um correlato de realidade distópica (descoincidência entre as lembranças poéticas plasmadas, por exemplo, em *La Voyelle promise*, e a observação memorialística registada na viagem de retorno de Nemésio em *Corsário das ilhas*; Timor como território ameaçado aonde Cinatti se vê impedido de regressar, mas que se dedica a reconstruir tanto na sua obra poética como antropológica). O mar como motivo e a literatura como lugar de negociação do real e do desejo do eu que escreve são as saídas que em ambos se encontram para que a ilha saia ilesa: o mar é o caminho possível para o nómada (Cinatti) e é eterno para o que afirma a contingência da ilha (Nemésio); a literatura permite o salto metafórico da ilha refúgio (ameaçado) para a "ilha ilesa".

Nota biográfica

Maria Luísa Leal é professora colaboradora da Universidade da Extremadura, onde realizou a sua tese de doutoramento intitulada *Raul de Carvalho, otro y el mismo libro: del sujeto poético al autor* (2015). Tem participado em projetos de investigação, organizado volumes coletivos e publicado artigos sobre literatura portuguesa e comparada. A sua linha de investigação mais recente prende-se com a obra narrativa e fílmica da autoria de sociólgos que aliam a investigação com a auto-ficção, numa filiação que nos leva a Annie Ernaux e a Maria Judite de Carvalho. Os estudos insulares surgem como uma área de interesse que lhe permite retomar o tema da viagem na literatura, âmbito em que realizou um estudo sobre facto e ficção em narrativas sobre o descobrimento da Ilha da Madeira. Narrativas insulares fundacionais, representações poéticas de ilhas utópicas e referencialidade são eixos temáticos que gostaria de trilhar.

Marie Cravageot-Mess

Université de Wuppertal (Allemagne)

L'espace insulaire chez Nathacha Appanah : entre mémoire, exil et résilience

Résumé

L'œuvre de Nathacha Appanah se décrit comme une littérature de l'exil, de la résilience et de l'intime, où les drames individuels rencontrent la grande Histoire. Sa plume poétique, tranchante et sensible sonde les failles humaines face à des situations extrêmes. Mais que représente l'île, lieu de narration de ses récits, pour cette écrivaine mauricienne ? La présente proposition de communication envisage d'explorer l'île comme espace mémoriel pluriel interrogeant à la fois la mémoire individuelle, collective et transgénérationnelle mêlant traumatisme de l'engagisme, exil et violence sociale. Son récit *La mémoire délavée* en particulier, mais aussi d'autres de ses romans, explorent une postmémoire spécifique, révélant comment les silences familiaux et l'oubli volontaire ont façonné l'héritage complexe de ses ancêtres déracinés. L'analyse de différents extraits de textes de Nathacha Appanah aura pour but de montrer comment la mémoire de l'engagisme traverse son œuvre depuis son premier roman *Les rochers de poudre d'or*, et comment l'île Maurice représente le point d'arrivée traumatisant des travailleurs indiens venus remplacer les esclaves dont faisaient partie les grands-parents de

l'écrivaine. Cela sera mis en relation avec la problématique sociale et postcoloniale de la double insularité, entre mythe et réalité, en ce sens que l'espace insulaire oscille entre le refuge paradisiaque idéalisé, comme dans *Blue Bay Palace* et la prison ou lieu de relégation dans *Le Dernier frère*, mais aussi la violence contemporaine, avec l'exemple de *Tropique de la violence*, où Mayotte devient le réceptacle de la pauvreté, de l'exclusion et des tensions postcoloniales. In fine cette contribution montrera comment Nathacha Appanah explore la tension entre mémoire et histoire – individuelle et collective – spécifique à l'île Maurice, où la littérature devient le lieu nécessaire de ce carrefour entre passé et présent, créant un dialogue intergénérationnel de réparation. Ainsi entre mythe et résilience, l'espace insulaire dans l'œuvre de Nathacha Appanah cristallise diverses strates mémorielles et temporelles qui se révèle être le lieu propice à la réinvention et à la survie face aux divers bouleversements, pansant le traumatisme du déracinement des populations déplacées d'hier et d'aujourd'hui dans une perspective dynamique de transmission laissant entrevoir divers enjeux de discours social et politique actuel.

Notice biographique

Enseignante-chercheuse de littératures et sciences culturelles en langue française à l'université de Wuppertal (Allemagne) depuis 2016, mes cours et mes recherches portent principalement sur le plurilinguisme et l'interculturalité, les représentations mémorielles de l'exil ainsi que les discours sociaux et féministes de la littérature française et francophone contemporaine. Dans le cadre des Rencontres littéraires, un projet que je dirige depuis dix ans sur la littérature contemporaine au contact des écrivain.e.s, j'ai pu mener un entretien approfondi avec Nathacha Appanah qui a ainsi contribué à enrichir mes travaux de recherche actuels sur son œuvre. D'où cette proposition de communication portant sur les récits cette autrice. Ma thèse en 2022 s'intitulait Se raconter dans la langue de l'exil : voix plurielles de la littérature française contemporaine. Mémoire, identité, fiction de parcours fragmentés. Parmi quelques- unes de mes publications : une réflexion sur le processus d'écriture dans la littérature contemporaine : Écritures françaises d'aujourd'hui. Les entretiens de Wuppertal, PUR, 2026 ; ou encore : « Rapper entre les langues et les cultures : enjeux esthétiques et mémoriels chez Gaël Faye », in : Cravageot M., Schuchardt B. La transformation dans et par le hip-hop francophone ?, ATeM 10,2, 2026 ; ou enfin : « Écriture féminine de l'exil : esthétique de l'intime des espaces traversés », in : Hertrampf M. Ortrud M., Nohe H., v. Hagen K. (dir.). Au carrefour des mondes | An der Schnittstelle der Welten, Récits actuels de femmes migrantes | Aktuelle Narrative von migrierenden Frauen. München : AVM.edition, 2021, p. 185-210.

Melânia Pereira de Castro

Universidade dos Açores

Da ilha à diáspora: mobilidade, memória e reconfiguração da insularidade

Resumo

O presente trabalho analisa a representação da insularidade e a reconfiguração da identidade açoriana na obra *Das Velas de Lona às Asas de Alumínio*, de Dias de Melo, à luz dos estudos da insularidade e da mobilidade cultural, dialogando criticamente com as teorizações de Eduardo Lourenço e Onésimo Teotónio de Almeida, considerando a ilha enquanto espaço circunscrito e de interligação transoceânica. A comunicação parte da questão: de que modo o processo das viagens e da mobilidade transnacional permite uma nova compreensão da conceção de ilha, não só como espaço de isolamento, mas também como cais de abertura identitária ao mundo? Para responder a esta questão, a análise estrutura-se em torno de uma proposta que problematiza a tipologia de três viagens paradigmáticas que ilustram a superação do isolamento geográfico. A primeira viagem evoca o percurso emigratório e migratório dos pioneiros picoenses para a Califórnia e outras terras da América: um "salto de fé" marcado pelo confronto com o desconhecido. A segunda viagem é empreendida pelo autor num contexto marcado pela modernidade tecnológica, com foco no reencontro com a memória emigrante preservada na diáspora, bem como no relacionamento com a comunidade açoriana. Finalmente, a

terceira viagem encerra o ciclo com o regresso à ilha de Dias de Melo, ao porto seguro, do Alto da Rocha do Canto da Baía. Através deste movimento tripartido (descoberta, reencontro e retorno), Dias de Melo demonstra que a identidade não se perde na dispersão geográfica, mas recria-se numa enriquecedora fusão de horizontes. Conclui-se que a obra atua como o registo de uma açorianidade reconfigurada pelas histórias cruzadas dos que partiram, dos que permanecem e dos que regressam. Permite também a compreensão da identidade e da memória coletiva enquanto estruturas dinâmicas resultantes do diálogo entre a mundividência insular e a abertura ao mundo.

Nota biográfica

Melânia Castro é licenciada em Filosofia e Cultura Portuguesa, mestre em Filosofia Contemporânea e pós-graduada em Ciências da Informação. Desenvolve atualmente o seu doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares, focando a sua investigação na obra de Dias de Melo, propondo uma leitura crítica da insularidade através da tensão entre subsistência e desmedida. O seu trabalho alarga o perímetro da ilha ao mapear as dinâmicas da memória e da identidade no cruzamento entre duas figuras centrais do *ethos* açoriano: o baleeiro e o emigrante. Analisa a desmedida, no seu duplo sentido: positivo e negativo, como o impulso vital que move tanto o confronto com o mar como o apelo existencial à emigração, num movimento dialético entre a dispersão geográfica e a fusão de horizontes. Profissionalmente, integra a equipa de dinamização cultural e comunicação da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, onde desenvolve projetos de matriz humanista e dinamiza clubes de leitura, destacando-se a sua participação na rubrica dedicada aos escritores da diáspora. Adicionalmente, coordena iniciativas de intercâmbio e voluntariado cultural através da aprendizagem da língua inglesa, construindo pontes comunicacionais e de inclusão entre a comunidade local e os novos residentes da ilha.

Melissa Melodias

Université Paris 3 – Sorbonne nouvelle / THALIM, E.D. 120

POÉTIQUE DE L'INSULARITÉ AU CINÉMA
Analyse de *Pacifiction : tourment sur les îles* d'Albert Serra

Résumé

Le film d'Albert Serra, *Pacifiction : tourment sur les îles* (sorti en 2022), s'attache au personnage de De Roller, Haut-commissaire de la République en Polynésie française, qui tente de percer le mystère de rumeurs grandissantes répandant l'idée d'une possible reprise des essais nucléaires sur l'île de Tahiti. Ce personnage presque balzacien, circulant à travers tous les milieux de l'île dans son éternel costume blanc afin d'orchestrer la vie politique locale, est de plus en plus persuadé de la véracité de ces rumeurs et de sa propre mise à l'écart par les autorités. L'imaginaire autour de l'insularité est mobilisé, alliant stéréotypes et contrastes. L'île lointaine mais sans cesse pénétrée par l'extérieur, paradisiaque mais menacée de basculer vers un véritable enfer, se dédouble en une multitude d'espaces clos. Parmi eux, le night club « Paradise », théâtre de la vie politique de Tahiti, où se font et se défont les intrigues, où se croisent les mêmes personnages au milieu de marins et de jeunes Tahitiens peu loquaces faisant le service à moitié nus. L'imaginaire colonial se noue ainsi à celui de l'exotisme, notamment à travers la tension entre « artifice » et « naturel » qui imprègne la représentation des paysages. Si le film est traversé de divers motifs de circularité (temporels ou spatiaux), ce mouvement de boucle insulaire se déplace, s'enfonce et se rétrécie progressivement, précipitant la chute et l'enfermement du personnage principal. La représentation de l'espace insulaire s'articule ainsi à l'intrigue, déployant une poétique de l'insularité fondée sur le motif de la spirale. Au-delà de l'impression de « tourner en rond », la spirale offre un déplacement du mouvement circulaire, traversant et reliant les personnages de même que les contrastes qui caractérisent l'insularité. Nous nous proposons d'analyser le déploiement de ce motif exposant à la fois un continu entre les différentes composantes de l'espace insulaire et participant à la représentation de l'intériorité du personnage principal.

Notice biographique

Titulaire d'un master en littérature obtenu à l'Université Paris 3 – Sorbonne nouvelle avec un mémoire sur la figure du poète dans l'œuvre de Théo Angelopoulos, Melissa Melodias a soutenu en décembre 2023 une thèse de doctorat en Lettres modernes à l'université Paris 3 – Sorbonne nouvelle sous la direction de Serge Martin et de Sylvie Rollet sur le rythme au cinéma et en poésie dans l'œuvre de Pier Paolo Pasolini. Elle est intervenue dans plusieurs colloques pour traiter notamment de la notion de « cinéma poétique », à travers les œuvres de Théo Angelopoulos, Pier Paolo Pasolini ou encore Andréï Tarkovski. Ses recherches portent également sur la représentation de l'espace méditerranéen au cinéma ainsi que sur les échanges entre littérature et cinéma documentaire. Elle est actuellement en postproduction de son premier film documentaire qui porte sur la ville fantôme de Varosha à Chypre et en écriture de son prochain projet consacré à l' œuvre de Théo Angelopoulos.

Nuno Marques

Universidade dos Açores / CHAM FCSH NOVA, Açores / Environmental Humanities Laboratory, KTH Royal Institute of Technology / American Studies Over_Seas, CEAUL

Ways of resisting nuclear colonialism in the Marshal Islands in Kathy Jetñil-Kijiner's ecopoetry

Abstract

The Marshal Islands are a focal point of the Capitalocene: bearing the toxic legacies of US nuclear colonialism and facing the rise of water level caused by climate change, they are also home of indigenous resistance, in which poetry plays an important role. In this presentation, I will analyze the 2017 poetry *collection Iep Jāltok: Poems from a Marshallese Daughter* by Marshallese poet Kathy Jetñil-Kijiner, arguing that it works with lament and song to promote healing and transformation, as form of resistance to continued colonialism. In Jetñil-Kijiner's poetry, toxicity is a colonial legacy and a living culture that entangles bodies of humans and others, the islands, the sea, the seabed and the atmosphere in a culture of cancer, death and resistance. I will show that the poet inscribes the collection in the oral tradition of passing knowledge among generations and turns the bodies of the matrilineal society of the Marshall Islands into harmonies of songs, invoking ancestrality to contrast with the extended temporality of the nuclear. As I will show, there is a performative element to the collection that frames it as a community practice of saying, singing and listening to poetry. In light of this shared practice, poetry becomes the mode of transmission of knowledge, of social and mythical structures, and of overcoming a communal grief for the destruction of the islands and its inhabitants. *Iep Jāltok* thus, exemplifies forms of traditional and indigenous resistance. Extending the Marshallese culture of filiation with toxic legacies of nuclear colonialism to the island of Guam, the collection also allows for a rereading of Efeli Hau´ofa's notion of the Pacific as a space of Indigenous transoceanic kinship and cultural interconnection, within a project of resistance and reclamation for reparation, land and food sovereignty in Micronesia. As I will argue, *Iep Jāltok* exemplifies ecopoetry that exposes differentiated affiliations with toxicity and focuses on the embodied relations with the geological, through the nuclear, dimension of the Capitalocene, also present in the work of the ecopoet from Guam, Craig Santos Perez.

Biographical note

Nuno Marques. Assistant Professor of Literary Studies at the University of the Azores (UAc). Affiliated researcher with the Environmental Humanities Laboratory, at KTH Royal Institute of Technology, Stockholm; integrated researcher at do CHAM FCSH NOVA, Azores, and project member American Studies Over_Seas, CEAUL. Working on the forthcoming monograph ecopoetic breathing in Ibero-American atmospheres (Routledge), and co-editing the volume *Ecopoéticas y políticas ecológicas contemporáneas desde el Sur* (Brill). Translates of the poetry of Evelyn Reilly and Allison Cobb (forthcoming 2026), John

Cage (2023), Athena Farrokhzad (with Alejandro Urrutia, 2022), and Gary Snyder (with Margarida Vale de Gato, 2017). Runs ecopoetry workshops and teaches on ecopoetry and ecopoetics at Occupy Climate Change School. Co-cordinator of the *Lecture Series in Radical Environmental Humanities* with *Resistance: A Journal of Radical Environmental Humanities.* Poetry editor at *Venti Journal and Collective*. Published the poetry collections *Estio* with visual art by Xavier Ovídio (2025), and *Dia do Não*, with visual art by André Alves (2018). Invited poet at Andor! Encontros, Manifestações De Rua E Espaços Vivos Na Póvoa De Varzim (1976-2024); and Éden X, Jardins Efémeros (2021). Guest poet for the exhibition notes of *Ossa* (Isabel Carvalho, 2025) and *Salaris – ficções a partir do Sal* (Maura Grimaldi, Natália Loyola, and Victor Gonçalves, 2025).

https://www.instagram.com/nun.marques/

nuno_marques | Instagram | Linktree

Pablo Jerez Sabater

Escuela de Arte Manolo Blahnik / ULPGC

La llegada a la isla: viajeros, prensa y experiencia de la insularidad en La Gomera (1890-1931)

Resumen

La llegada a La Gomera ocupó un lugar central en la experiencia de los viajeros que recorrieron el archipiélago canario entre finales del siglo XIX y comienzos del XX. La aproximación marítima, el fondeo frente a la costa y el desembarco en un litoral carente de infraestructuras portuarias consolidadas convirtieron el primer contacto con la isla en una experiencia visual y corporal que condicionó la percepción del territorio. Este estudio analiza cómo esa experiencia de llegada contribuyó a configurar una determinada imagen de la insularidad, articulada a partir de la mirada exterior y de las prácticas de observación propias del relato de viaje. A partir de textos de viajeros como Olivia Stone, John Whitford y Florence Du Cane, se examina la construcción del paisaje insular mediante descripciones del relieve, la línea costera y las primeras escenas de la vida cotidiana. Estas representaciones no solo fijaron una imagen de la isla, sino que la situaron dentro de los itinerarios marítimos del Atlántico oriental como una escala secundaria, observada desde la lógica del tránsito. Junto a estos relatos, la prensa insular y provincial desempeñó un papel fundamental en la mediación cultural de esa experiencia. La circulación de noticias, referencias externas y modelos de comportamiento contribuyó a integrar esas percepciones en la vida cotidiana de la isla, generando nuevas expectativas culturales. Desde esta perspectiva, la insularidad se presenta como una experiencia construida en el cruce entre llegada, observación y relato.

Nota biográfica

Pablo Jerez Sabater es profesor de Historia del Arte en la Escuela de Arte Manolo Blahnik (La Palma) y doctorando en el programa Territorio y Sociedad de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Su trayectoria investigadora se ha centrado en el estudio de la historia cultural, el patrimonio y las representaciones históricas en Canarias, con especial atención a la isla de La Gomera. Es autor de diversos trabajos publicados en revistas especializadas y obras colectivas, donde ha abordado cuestiones como las fiestas políticas y su dimensión simbólica, la construcción del imaginario colombino, el patrimonio arquitectónico insular o las dinámicas culturales en contextos locales. En los últimos años, su investigación ha evolucionado hacia el análisis de la insularidad desde una perspectiva de Historia Cultural, incorporando el estudio de relatos de viaje, prensa histórica y prácticas de sociabilidad. Su actual proyecto doctoral examina el proceso de construcción cultural de La Gomera entre 1890 y 1931, atendiendo a la relación entre movilidad atlántica, infraestructuras, circulación de discursos y experiencia del territorio. Su trabajo se sitúa en la intersección entre historia cultural, estudios atlánticos e historia del arte.

Paula Almeida Mendes

CITCEM / Faculdade de Letras da Universidade do Porto

«A ilha como espaço de «exílio»: D. Sebastião em relatos de viagens imaginárias»

Resumo

O tópico da ilha encantada alcança uma significativa presença em relatos de viagens imaginárias nos séculos XVII e XVIII em Portugal. A título de exemplo, lembremos um conjunto de textos (alguns inéditos), polarizados em torno de D. Sebastião, que recuperam o tópico da ilha encantada, onde o jovem monarca, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, ter-se-ia exilado. Tendo como pano de fundo esta temática, esta proposta de comunicação procura chamar a atenção para estes relatos de viagens imaginárias e a sua importância na moldura literária, realçando o papel exercido pela ilha enquanto espaço de exílio e a sua ligação com a figura de D. Sebastião.

Nota biográfica

Paula Almeida Mendes é Doutora em Literatura Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013). Atualmente, é Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Investigadora Integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM-UP). Foi a Investigadora Responsável do Projeto Exploratório «Letras no Claustro: Bibliotecas monásticas a Norte de Portugal da Idade Média ao século XIX», financiado pela FCT, com a referência EXPL/LLT-OUT/0720/2021. Tem centrado os seus estudos na área da história e da literatura de espiritualidade, nomeadamente da hagiografia e da biografia devota, da literatura de viagens e da história do livro e da leitura.

Paulo César Fróes Bulhões

Coautoras: Ana Cristina Gil ; Isabel Cabrita Condessa

Paulo César Fróes Bulhões e Ana Cristina Gil — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores ; CHAM-A – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

Isabel Cabrita Condessa — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade dos Açores ; CIEC – Instituto de Educação da Universidade do Minho

As tradições populares açorianas: representações da expressão da cultura e da identidade insular

Resumo

A identidade insular consiste no modo como a pessoa se define em relação à ilha, através das suas diversas abordagens e perspetivas culturais, sociais e humanas. Nos Açores esta marca identitária provém das influências dos ilhéus (e.g. geografia, demografia e património) e das tradições populares que as caracterizam, através da açorianidade, representadas, por exemplo, pelo folclore e bandas filarmónicas. Este estudo pretende compreender o modo como as tradições populares açorianas constituem a expressão da cultura e da identidade insular, através da análise das representações das crianças, jovens e dirigentes. A investigação é qualitativa e recorre às técnicas de entrevista e de observação para recolha de dados. Através da análise de conteúdo, é possível chegar a várias conclusões: há uma predominância das atividades tradicionais de natureza religiosa, desde cedo, através da transmissão dos mais velhos; os grupos culturais manifestam um forte contributo na aquisição de conhecimento da história das tradições e das ilhas, através dos seus simbolismos, costumes e crenças; a participação dos mais novos nas tradições revela influência na construção da identidade cultural individual e coletiva; há a promoção de valores culturais e identitários no seio da dinâmica das tradições açorianas, com impacto no dia a dia dos mais jovens; a componente artística

açoriana expressa-se na música, no canto e na dança, com enriquecimento do tempo livre e do lazer dos açorianos, marcando as festividades e o bem-estar. Em conclusão, percebemos que as tradições populares açorianas contribuem para a manifestação da identidade e da cultura insular, através do sentido de pertença a um determinado lugar, grupo e espaço, da religião, da arte, da herança, do entretenimento e do associativismo cultural.

Nota biográfica

É Doutorado em Literaturas e Culturas Insulares e Mestre em Educação e Formação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. É Licenciado em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. É Professor Auxiliar Convidado, na FCSH e na Academia Júnior e Sénior, da UAc. É Professor Interno, na Escola Profissional da Ribeira Grande, e Coordenador Geral da Rede Municipal dos CATL d`A Ponte Norte – Cooperativa de Ensino e Desenvolvimento da Ribeira Grande, CIPRL. Foi Coordenador Técnico-Pedagógico nos CATL da Santa Casa da MDES da Maia. É Formador certificado da Formação Contínua de Professores. É autor de artigos científicos e participou em Seminários, Colóquios e Conferências, nacionais e internacionais. É Investigador Integrado Regular do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Atualmente, faz parte da InUAc (Incubadora da Universidade dos Açores), com o projeto Educar para a Cultura, e é Vice-Presidente do Movimento dos Romeiros de São Miguel – Associação –, sendo responsável pelo área da cultura e da comunicação.

Paulo Figueira

CEComp – Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa

O romance histórico *A Filha de Tristão das Damas* (1909), de João dos Reis Gomes: regionalismo e insularidade, espaço(s) de mobilidade e identidade

Resumo

A presente comunicação procura analisar o romance histórico *A Filha de Tristão das Damas* (1909), de João dos Reis Gomes, como elemento ativo na construção da identidade insular e no debate sobre o regionalismo madeirense no início do século XX, ao refletir o seu espaço edificador de uma insularidade rizomática. A obra de João dos Reis Gomes evoca o século XVI (Batalha de Safim) e figuras históricas como Simão Gonçalves da Câmara, o terceiro donatário do Funchal, ou Cristóvão Colombo para interrogar as primeiras décadas de novecentos do arquipélago madeirense, cruzando a ficção com as tensões políticas da Autonomia Administrativa do Distrito do Funchal e contribuindo para a afirmação da insularidade madeirense e do conceito de "islandness", caro a Godfrey Baldacchino. A reconstituição ficcional do passado das capitanias de Machico e do Funchal funciona como um espelho identitário, que legitima as aspirações de (mais) autonomia e a valorização da especificidade cultural cosmopolita madeirense. Assim, pela análise literária e contextualização de referentes historiográficos ficionalizados, o nosso estudo reflete sobre as opções e estratégias narrativas de João dos Reis Gomes para problematizar o contexto do arquipélago da Madeira, que, na senda da comemoração dos 500 anos, se estenderá ao Quincentenário, numa pretensa afirmação valorativa da Madeira, do espaço atlântico português, como geografia híbrida, rizoma e complementar. Deste ponto de vista, julgamos que este romance histórico pode configurar-se um questionamento da insularidade atlântica portuguesa como encruzilhada, principalmente nas vertentes da mobilidade e memória (estratégicas), tendo em conta os intervenientes, os propósitos do romance histórico e do espaço atlântico, fora do isolamento, muitas vezes veiculado ao(s) ilhéu(s).

Nota biográfica

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesas, mestre em Estudos Interculturais, com a dissertação *Percursos da subjectividade pós-modernista: um contributo para a análise das poéticas de José*

Agostinho Baptista e Eduardo White, e doutoramento em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico Institucional, com a tese *João dos Reis Gomes: contributo literário para a divulgação da História da Madeira*. É membro integrado do CEComp - Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. As suas áreas de interesse são os Estudos Literários, Estudos Insulares, Estudos Arquipelágicos e a História Contemporânea. Em 2025, concluiu a pós-doutoramento em Estudos Literários/Estudos Insulares, na Universidade da Madeira.

Pierre Couvidat-Gherardi

Università di Corsica - Pasquale Paoli
UMR CNRS 6240 LISA

Enfance idéalisée, exil douloureux et retour désenchantant. Représentations passées et contemporaines de la Corse dans l'œuvre littéraire d'Ignaziu Colombani.

Résumé

L'existence d'Ignaziu Colombani, gouverneur de la France d'Outre-Mer et écrivain d'expression corse, est définie par l'insularité. Miquelonnais par sa mère, Corse par son père, c'est dans la seconde île que ses racines s'ancrent profondément. Malgré une carrière qui le mène à s'éloigner longuement, son vécu dans l'île de beauté s'affirme comme la muse de l'intégralité de son œuvre littéraire. Cette communication se propose d'observer l'évolution de sa vision de la Corse au fil de sa vie, de son éloignement puis de son rapprochement de l'île, de l'évolution du territoire insulaire, de ses pratiques sociales et sociolinguistiques. Une double trame chronologique émerge alors, celle du contexte d'écriture de ses œuvres, et celle, interne au texte, dans laquelle celui-ci se place. Nous privilégierons ici la première, suivant l'ordre chronologique de l'écriture des oeuvres, afin d'inscrire notre analyse dans les champs de la sociologie de la littérature. Ainsi, dans une première partie, nous nous appuierons sur le recueil de poèmes *Rime di Rustinu* (1960), initialement composés entre 1943 et 1944, afin d'observer une évocation douloureuse de la Corse, à un moment où l'auteur en est éloigné. Du sentiment d'être en exil en découlent la nostalgie et la mélancolie, affirmées explicitement. Dans une seconde partie, en s'appuyant sur les *Lettere di u figliulinu* (1958-1967), nous étudierons le rejet par l'auteur d'une société insulaire contemporaine transformée. Déclin du monde rural, recul de la langue corse, dépopulation de l'île, critique vive de la politique insulaire, ainsi que des problématiques nouvelles comme la spéculation foncière ou le tourisme. Enfin, dans une troisième partie, nous observerons comment l'enfance est idéalisée dans le récit autobiographique *Ricordi* (1961-1964), littérature du souvenir qui tranche avec sa critique du monde actuel. À travers le récit de son enfance, le portrait d'une société rurale ancienne, ses métiers, ses jeux, ses individus désormais disparus.

Bio-bibliographie

Pierre Couvidat-Gherardi est né en 2002, à Bastia (Corse). Il poursuit depuis septembre 2024 une thèse de doctorat en Cultures et langues régionales (mention « Langue et littérature corses »). La direction de la thèse intitulée *Ignaziu Colombani (1908-1988), enfant du Rustinu, gouverneur de la France d'outre-mer, président de « Lingua Corsa » : itinéraire complexe d'un intellectuel corse au XXe siècle*, est assurée par la professeure Dominique Verdoni, de l'université de Corse – Pasquale Paoli. Pierre Couvidat-Gherardi est membre de l'UMR CNRS 6240 LISA (Lieux, identités, eSpaces, Activités).

Rui Guilherme Silva

Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra /Grupo de Investigação em Ciências Humanas – Textos, Imagens e Comunidades, Universidade da Madeira

Variações de uma «literatura menor» na épica de Timóteo Tio Tiofe

Resumo

Atentos às dificuldades dos debates que procuravam definir uma literatura marginal, Gilles Deleuze e Félix Guattari propunham que se passasse primeiro por um «conceito mais objetivo»: o de «literatura menor». O procedimento desta literatura, descrito em *Kafka. Para uma literatura menor* (1975), teria de ser dado por uma expressão particular construída dentro de uma língua maior. A «literatura menor» de Deleuze e Guattari era então definida a partir de três categorias facilmente reconhecíveis na épica do cabo-verdiano Timóteo Tio Tiofe: «a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, [e] o agenciamento coletivo de enunciação». A «língua de papel» que procura exprimir uma consciência nacional «incerta ou oprimida» traduz-se em *O Primeiro e o Segundo Livros de Notcha* (2001) por uma elevação de raiz sobretudo livresca, aliás comum às pesquisas poéticas de João Vário. Entretanto, a releitura crítica dos *Livros de Notcha* à luz do conceito de «literatura menor» precisa de ensaiar uma conexão operativa entre os tópicos da desterritorialização da língua, por um lado, e do valor comunitário e político implicado nesse trabalho linguístico, por outro. No contexto cabo-verdiano, este problema é indissociável do fenómeno da diglossia, que vai afetar o modelo tetralinguístico de Henri Gobard apresentado por Deleuze e Guattari. Um tanto à imagem daquela literatura caribenha à qual Édouard Glissant atribuía funções simultaneamente sacralizantes e dessacralizantes – i.e., simultaneamente épicas e antiépicas –, a linguagem literária de Timóteo Tio Tiofe acumula, ou antes, *justapõe sem solução de continuidade* a exuberância e sobredeterminação próprias do inglês de James Joyce e a aridez e sobriedade do inglês e do francês de Samuel Beckett. Assim, a desterritorialização linguística e o agenciamento político e comunitário dos *Livros de Notcha* podem ser lidos como variações de uma «literatura menor» no âmbito da língua portuguesa.

Nota biográfica

Mestre em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora (2006) e Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino (2014) pela Universidade de Coimbra (UC). Pós-graduado em Ciência Política e Relações Internacionais (2024) pela Universidade da Madeira (UMa) e Universidade Católica Portuguesa (UCP). Docente do ensino básico e secundário e professor auxiliar convidado na UMa. Membro efetivo do Centro de Literatura Portuguesa da UC. Membro do Grupo de Investigação em Ciências Humanas - Textos, Imagens e Comunidades da UMa. Membro da Comissão Organizadora das Conferências Internacionais de Literatura Cabo Verdiana (Lisboa, NOVA FCSH, 2024-2027). Principais publicações no âmbito das literaturas cabo-verdiana e madeirense.

Salma Mobarak

Université du Caire

Imaginaire et sérialité dans *L'ile des brumes* (*Guezirat Ghamam)*

Résumé

Cette proposition de communication a pour objet d'étudier la série égyptienne, *Guezirat Ghamam*, (*L'île des brumes*), (2022) considérée comme l'un des grands succès publics et critiques de la télévision égyptienne des dernières années. L'île dans la série apparait comme un terrain vierge, un non-lieu ou une terre des origines qui permet au récit d'acquérir une dimension initiatique. Contrairement à de nombreuses perceptions occidentales de l'île qui ont en fait un fantasme utopique et y ont construit

des villes vertueuses, *GG* présente une zone où les conflits se déchainent. La temporalité transcendante et cyclique à laquelle renvoie cette fiction allégorique, s'associe à une histoire de l'Égypte contemporaine et de son climat politique congestionné. « L'île est profondément paradoxale, ambivalente. Tout se change en son contraire. De là vient qu'il est si difficile d'en saisir l'essence, de la définir, de la fixer ». Une double temporalité historique et symbolique façonne le récit. La première est déterminée par des dates, des événements et la présence de personnalités célèbres, la seconde transcende la réalité et nous introduit dans un large héritage d'histoires religieuses et mythiques, où nous retrouvons des miracles, des passeurs de murs et autres phénomènes fantastiques. Si la fiction télévisuelle découle de deux visées : esthétique et utilitaire (économique et idéologique), c'est par leur association qu'elle communique avec son public. Cette alliance de l'utilitaire et de l'artistique, du singulier et de l'itératif se retrouve dans *GG.* Se pencher sur cette série nous permettra donc de s'interroger sur le rôle de l'espace insulaire comme lieu propice à la génération de multiples polarités, perpétuant l'ambivalence de cet espace entre imaginaire et idéologie, entre mythe et histoire, entre le sériel et le singulier.

Notice biobibliographique

Salma MOBARAK est professeur de littérature comparée et de littérature et arts à l'Université du Caire. Ses recherches croisent les champs d'études comparées littérature/cinéma, et les champs cinéma/histoire. Membre expert au « Comité de la civilisation » de l'Académie de la langue arabe pour la rédaction du premier dictionnaire de cinéma en Egypte et membre de jury de plusieurs prix littéraires et cinématographiques : (Prix d'appréciation de l'État - Prix Cheikh Hamad de traduction - Prix du roi Faisal de langue et littérature arabes - Prix Sawiras du scénario - Prix du film asiatique au Festival international du film du Caire - Prix du film africain au Festival international du film d'Ismaïlia pour les documentaires et les courts métrages…) Elle est fondatrice du réseau des chercheurs en littérature et cinéma « Amoun » (2015), cofondatrice du diplôme de développement culturel à l'Université du Caire (2012) et du diplôme de critique cinématographique à l'Université Ain Shams (2016). Elle est également fondatrice et animatrice du Ciné-club de la Faculté des Lettres de l'Université du Caire de 2006 - 2022.

Parmi ses ouvrages et traductions

- *maraya alsiynima bayn al'adab wal'iinsaniati* (*Miroirs du cinéma entre littérature et sciences humaines*), Dar Al Maraya, le Caire, 2025

- - *Amina Rachid ou la traversée vers l'autre*, Institut du monde arabe, Centre culturel du livre, Casablanca, 2020.

- *Débuts en comparaison*, Publisud, Paris, 2015, en codirection avec Amina Rachid

Traduction vers l'arabe : *Sociologie du cinéma et de ses publics,* d'Emmanuel Ethis.

(Maana, El Reyad, 2021)

Sophie Coquelin

Doutoranda no INET-md, polo FMH/ULisboa

Da sociabilidade oitocentista à saudade da diáspora: a Chamarrita no Pico. Trajetórias e representações do baile em contexto insular (séculos XIX - XXI).

Resumo

Esta proposta de comunicação tem como objetivo apresentar alguns dos resultados obtidos na pesquisa de doutoramento em antropologia da dança, focado no baile de chamarritas, realizado na ilha do Pico, nos Açores. Pretende-se refletir sobre a evolução desta dança tradicional ao longo do tempo, desde o século XIX até ao XXI, bem como sobre as suas diferentes representações. Contrariando a visão folclórica que defende que as práticas expressivas açorianas foram trazidas pelos primeiros povoadores, evidencia-se a influência de outras formas de mobilidade que marcaram a realidade

açoriana em períodos mais recentes. Primeiramente, demonstra-se como a contredanse, que deu origem à chamarrita, surge no arquipélago no século XIX. Através da análise da literatura de viagem, novos repertórios coreográficos são introduzidos por parte das elites, e disseminadas entre as diferentes classes sociais. Em segundo lugar, destaca-se o impacto da diáspora na revitalização desta prática expressiva. Com base em um estudo etnográfico, verificou-se uma diminuição gradual da prática da dança tradicional ao longo do século XX. Acabou por não desaparecer completamente, uma vez que foi "revitalizada" (J. Boissevain, 1992) enquanto prática bailatória na década de 1990. Atualmente, o baile de chamarritas exemplifica como o discurso patrimonial passou a englobar as práticas culturais imateriais, recorrendo para o efeito à noção de identidade regional. Todavia, a análise do processo de revitalização revela uma outra realidade, centrada nas "formas quotidianas de resistência" (J. Scott, 1985), num contexto global em que valores como a entreajuda e a solidariedade à escala do coletivo tendem a ser desvalorizados.

Nota biográfica

Sophie Coquelin (1983) é doutoranda integrada no INET-md/FMH, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, na Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. É licenciada em Etnomusicologia pela Universidade Paris X-Nanterre e mestre em *Ethnologie des Arts Vivants* pela Universidade Nice Sophia-Antipolis. Graças a uma bolsa de doutoramento obtida pela Reitoria da Universidade de Lisboa, iniciou um doutoramento em Motricidade Humana, na especialidade de Dança, na Faculdade de Motricidade Humana. Aliando antropologia e artes performativas, aborda a questão da voz atuante na dança tradicional, a partir do baile de chamarritas, prática expressiva açoriana que foi alvo de revitalização na ilha do Pico. A sua investigação combina trabalho de campo etnográfico, entrevistas e pesquisa em arquivos. Na interface entre o mundo académico e a sociedade civil, colabora desde 2007 com a estrutura artística apoiada pela DGArtes, a Associação PédeXumbo, e com artistas (consultoria). Desde 2014 colabora com o centro de investigação INET-md, em projetos de investigação e valorização de arquivos. Participa em conferências, escreve artigos em revistas científicas e procura disseminar, junto da população em geral, os resultados da sua pesquisa. Neste âmbito, escreveu o livro *De volta aos Bailes Mandados* (2023, edição Ass. PédeXumbo). Desde 2018, reside na ilha do Pico. No âmbito do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, coordenou a candidatura promovida pelo Município das Lajes do Pico relativa aos saberes associados ao bote baleeiro açoriano (processo atualmente em avaliação).

Ciência Vitae FCT: A01F-C3A1-2B51

Soukaïna Boushor e El Mehdi Agouchte

Soukaïna Boushor — Université Internationale de Casablanca ; École Normale Supérieure de Casablanca ; Laboratoire LE MéRAGE, Université Hassan II de Casablanca

El Mehdi Agouchte — École Normale Supérieure de Casablanca

Des îles Waq-Waq à Tanaland : l'île-carrefour, de la circulation des récits aux contre-territoires numériques

Résumé

Comment une île imaginée comme lointaine ou séparée devient-elle un carrefour de récits, de savoirs et de résistances ? Cette communication propose de croiser deux actualisations maghrébines du motif des îles Waq-Waq avec Tanaland, territoire fictif apparu sur TikTok en 2024 en réaction à l'usage misogyne du terme « tana ». Le premier ensemble appartient aux *Contes merveilleux de Kabylie des Aït Jennad Lebh'ar*, narrés notamment par Amor ben Moh'ammed ou Ali de Taoudouchth et notés en kabyle par Auguste Mouliéras en 1891, dans l'édition traduite et présentée par Camille Lacoste-Dujardin. Les îles Waq-Waq y forment l'horizon d'un voyage merveilleux structuré par la quête, l'épreuve et la confrontation à l'altérité. Le second cas est une performance du conteur Abderrahim Azaliyya documentée à Jamaâ El-Fna par Abdelmajid Arrif : un roi y réunit un fqih, un pêcheur, un menuisier et

un voleur, chargés de gagner les îles Waq-Waq afin de délivrer sa fille, captive d'un djinn. L'archipel apparaît ainsi comme un lieu de convergence où des compétences hétérogènes doivent s'articuler. L'analyse examinera également la circulation de ces récits entre oralité, transcription, traduction, archive savante et performance publique, sans dissocier cette transmission des rapports d'autorité qui la structurent. Cette trajectoire sera mise en regard de Tanaland, envisagé non comme une île géographique, mais comme une forme d'insularisation symbolique : un contre-territoire protecteur dont les frontières imaginaires sont produites par la circulation virale de vidéos, de commentaires, d'emblèmes et d'un lexique partagé. En croisant Island Studies, études postcoloniales et études de genre, il s'agira de montrer que l'île-refuge n'est pas l'envers du carrefour, mais l'une de ses formes critiques : la séparation symbolique y rend possibles de nouvelles circulations, alliances et appartenances collectives.

Notices biographiques

Soukaïna Boushor est professeure de langue, communication et soft skills à l'Université Internationale de Casablanca, ainsi que professeure vacataire de littérature à l'École Normale Supérieure de Casablanca. Major de promotion en licence comme en master, elle est actuellement doctorante au sein du Laboratoire LE MéRAGE de l'Université Hassan II de Casablanca. Ses recherches portent sur les études de genre et les représentations du corps féminin dans des espaces traditionnellement masculins. Elles s'inscrivent dans une perspective résolument interdisciplinaire, à la croisée de la littérature, du cinéma, des arts visuels et des médias, et visent à interroger les imaginaires contemporains à travers une approche critique, esthétique et sémiotique. Elle est l'autrice de plusieurs contributions récentes, parmi lesquelles : « Corps voilés, voix dévoilées : résistances esthétiques et politiques dans la création féminine au Maghreb » ; « Déraison, possession et résistance : la folie féminine entre traditions maghrébines et écriture francophone » ; « Corps performants, corps signifiants : une lecture sémiotique et esthétique du corps féminin athlétique dans les récits visuels et littéraires contemporains ». Ses travaux ont également donné lieu à plusieurs communications scientifiques, dont : « Forêts interdites, corps insoumis : seuils de genre et d'existence dans les récits de retraite féminine » ; « Dire ce que le droit tait : violences conjugales, normes matrimoniales et voix subalternes dans le roman contemporain » ; « Cartographier l'intime : corps féminins et réinvention des espaces dans le cinéma maghrébin contemporain».

El Mehdi Agouchte est professeur habilité de langue et littérature françaises à l'École Normale Supérieure de Casablanca. Docteur de l'Université Mohammed V de Rabat, il est spécialiste des relations intermédiales entre littérature, cinéma, jeu vidéo et arts visuels, avec une attention particulière portée aux formes de narration immersive, aux esthétiques du corps et aux dispositifs fictionnels de la sensibilité. Ses travaux interrogent les tensions entre texte et image, mémoire et corporalité, récit et altérité, dans une perspective à la fois littéraire, philosophique et sémiotique. Son approche articule réflexion théorique rigoureuse et exploration des mutations contemporaines du récit, au croisement des genres, des médias et des sensibilités esthétiques.

Susana Gramilho

Universidade da Madeira – Faculdade de Artes e Humanidades

Macaronésia como sistema arquipelágico relacional: mobilidade, ecologia e reconfiguração do Atlântico insular contemporâneo

Resumo

A Macaronésia é habitualmente apresentada como uma realidade geográfica e biogeográfica que reúne os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Apesar da utilização recorrente do conceito em diferentes contextos institucionais e científicos, permanece relativamente pouco explorada a possibilidade de a compreender como um espaço relacional estruturado por dinâmicas históricas e contemporâneas de circulação, interdependência e cooperação. Esta comunicação propõe uma leitura da Macaronésia enquanto sistema arquipelágico relacional, partindo dos contributos dos

Estudos Insulares que têm vindo a enfatizar a importância das redes, das mobilidades e das relações de interdependência na compreensão dos territórios insulares. Nesta perspetiva, a análise desloca-se da ilha considerada isoladamente para os processos que ligam diferentes espaços insulares e contribuem para a produção de realidades territoriais partilhadas. A reflexão centra-se em três dimensões interligadas. A primeira diz respeito à mobilidade, observando o papel do turismo, dos transportes, das migrações e das circulações culturais na intensificação das relações entre os arquipélagos. A segunda incide sobre os desafios ecológicos comuns, nomeadamente os impactos das alterações climáticas, a erosão costeira, a pressão sobre recursos limitados e a vulnerabilidade dos ecossistemas insulares. A terceira dimensão aborda os processos de construção identitária associados a contextos históricos de mobilidade, contacto e circulação, entendendo a identidade insular como resultado de relações permanentes entre territórios, populações e imaginários. Defende-se que estas dinâmicas permitem identificar a existência de um espaço macaronésico cada vez mais articulado, ainda marcado por assimetrias, mas caracterizado por desafios, oportunidades e formas de interdependência que ultrapassam os limites de cada arquipélago. A partir desta perspetiva, a Macaronésia surge não apenas como uma categoria geográfica, mas como um campo de análise relevante para pensar mobilidade, sustentabilidade e cooperação no Atlântico insular contemporâneo.

Nota biográfica

Susana Gramilho é Presidente da Associação de Promoção da Macaronésia da Madeira - APMM, entidade dedicada ao fortalecimento das relações culturais, institucionais e territoriais entre os arquipélagos da Macaronésia. Exerce igualmente funções como Cônsul Honorária de Cabo Verde na Região Autónoma da Madeira e é fundadora do movimento social Juntos Por Sorrisos. Tem desenvolvido trabalho na promoção da cooperação interinsular, com especial incidência nos domínios da cultura, turismo, mobilidade e sustentabilidade. Ao longo dos últimos anos tem participado na dinamização de iniciativas que procuram reforçar os laços entre Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, contribuindo para a valorização da Macaronésia enquanto espaço de proximidade histórica, cultural e estratégica. O seu interesse centra-se particularmente nas relações entre insularidade, circulação e cooperação territorial, bem como nos desafios comuns enfrentados pelos arquipélagos atlânticos no contexto das transformações ambientais, económicas e sociais contemporâneas.

Telmo Rodrigo Mendes da Silva Nunes

Universidade dos Açores

Da Saudade Empenhada à Construção de uma Identidade Cultural: Leituras da Insularidade em *Raiz Comovida*

Resumo

A obra *Raiz Comovida*, de Cristóvão de Aguiar, é montra privilegiada de onde se pode recolher informação muito significativa que vise o aprofundamento dos estudos insulares. O que nos oferece então o autor em *A Semente e a Seiva*, o primeiro volume desta trilogia romanesca, datado de 1978 e vencedor do "Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa"? José Manuel Mendes fala em "memória de infância", e Vasco Pereira da Costa em "saudade empenhada", pelo que, através do discurso do autor, veiculado por uma linguagem vernácula e característica, que sorve no húmus da realidade micaelense o seu fluxo rítmico e escolha vocabular, é possível vislumbrar a ilha ou, pelo menos, parte da ilha (a Tronqueira ou Pico da Pedra, o microcosmos do autor), já que são notórias diferenças entre lugares, em meados do Século XX. A condição de histórico-cultural da *insularidade* é resultado de diversas contingências, desde logo geográficas (a distância, o isolamento), históricas, climáticas e culturais (costumes, religião, etc.), como, aliás tem sido apontado por diversos autores. Estas circunstâncias não podem ser alheias à configuração desta especificidade cultural dos povos insulares, pois a cultura é indissociável do local onde nasce. Assim, o reconhecimento e a defesa da

açorianidade "não é um bairrismo doentio, mas sim o gostar de ser donde é" (Almeida, 2011, pp. 31-32), ou seja, a afirmação de um sentido de pertença a uma realidade cultural específica. Em *A Semente e a Seiva*, percebemos que a ilha não é meramente um espaço delimitado e finito, é antes um campo onde história, memória, geografia, etc., se cruzam e interagem resultando na construção de uma identidade cultural e epistemológica.

Nota biográfica

É doutorando em Literaturas e Culturas Insulares pela Universidade dos Açores, desenvolvendo a tese subordinada ao tema "Relação entre a identidade e o espaço". Licenciou-se em Português e Inglês, tendo lecionado essas áreas em diversas escolas e diferentes níveis de ensino. Atualmente, exerce na Escola Básica Integrada da Maia, ilha de São Miguel, Açores. Escreve crítica literária, tendo dispersa obra pela imprensa regional açoriana e continental, assim como pela da diáspora açoriana – EUA e Canadá; integra revistas, antologias poéticas e antologias de contos; é autor das obras *Reflexões de Uma Quase Vida*, (Menção Honrosa no Prémio Literário Gaspar Frutuoso, CMRG), em 2009, *Inês, A Dualidade de Uma Vida*, em 2012, e *O Lugar da Trindade e Outras Narrativas*, em 2023; prefaciou duas obras: *Nariz de Santo,* Tomaz Borba Vieira e *Atlântico 744*, de Marco Costa; apresentou diversas obras: *Lady Bobs, o Seu Irmão e Eu: Um Romance dos Açores*, de Jean Chamblin, *Fantasia da Possibilidade*, de Maria João Fraga, etc.; recolheu e organizou o livro *Contos*, de Vasco Pereira da Costa; adaptou para a o ensino a obra *O Mundo Perdido de Timor Leste*, de José Ramos-Horta e Patrícia Vichers-Rich. Participou na conferência *A Comunidade Portuguesa no Quebeque – Uma Visão do Passado, Presente e Futuro*, Montreal, Canadá, com o trabalho "Literatura açoriana – breve balanço atual, com base em duas obras de autores contemporâneos". Foi membro organizador do "5.º Colóquio Açoriano de Lusófonia, tendo participado também como moderador de sessões; foi formador do ensino profissional.

Valentin Debatisse

Université Clermont-Auvergne

L'île cinématographique est-elle une expérience radicale ? Histoires de psychés et d'images sous influence insulaire.

« Je me croyais arrivé au port, et je fus rejeté en pleine mer.»

LEIBNIZ

« L'imagination est le fantôme de l'image.»

Serge DANEY

Résumé

Nous ne ferons pas l'hypothèse dans notre communication que l'île au cinéma est seulement le symbole de la condition humaine (Grenier) mais qu'elle en constitue un carrefour. En ce sens, elle *hante ce qui ne s'y trouve pas et l'habite*. Sublimée ou à l'inverse désublimée par les images, l'île au cinéma est une expérience exceptionnelle et radicale. Dès lors, faire de l'île un élément *figural* qui « dans l'image, vit sa vie de manière inattendue, irréductible à toute narration et toute représentation », c'est dire qu'elle est métaphysique et donc que l'expérience esthétique de l'île est une expérience radicale. Il s'agira donc de la penser comme 1) un milieu *haptique* qui *survit* « dans le tapis » de l'image par des moyens figuratifs détournés et qui la creuse comme « un hors-champ dans le champ » (Warburg). Mais aussi comme 2) un mode de pensée et de vie lovés au cœur de l'intimité psychologique des personnages d'où émanent leurs attitudes et leurs pensées. Expérience-limite autant qu'expérience pure. Aussi conviendra-t-il de questionner dans toute sa radicalité l'idée selon laquelle l'insularité cinématographique est une île métaphysique qui peut aller jusqu'à ce que Lynch nomme « l'abstraction sensorielle » pour comprendre en quoi l'île est à l'œuvre dans des images où pourtant elle est figurativement absente, au carrefour de l'irreprésentable mais « fantomal ».

Présentation bio-biographique

Professeur certifié en philosophie et en cinéma-audiovisuel, professeur en lycée, chargé d'enseignement à l'Université Clermont-Auvergne et à l'Université de Bourgogne-Europe, chercheur indépendant rattaché au PHIER (Philosophie et Rationalité) de l'Université de Clermont-Ferrand et conférencier, Valentin Debatisse a dirigé le collectif *Star Wars et la philosophie* publié aux Implications philosophiques en 2020 et publié plusieurs articles sur l'esthétique du cinéma.

Viktoriia Kokonova

Aix-Marseille Université, laboratoire Échanges / Centre interdisciplinaire d'étude des littératures d'Aix-Marseille université (CIELAM)

Le Brésil dans les récits de voyage du XVI-XVIIe siècles : entre le mythe insulaire et la réalité

Résumé

Bien que le Brésil ne soit pas une île, il l'était dans l'imagination de ses premiers écrivains. Cela s'explique par le manque de savoir géographique et reflète une manière d'appréhender le monde, si l'on reprend la théorie de Frank Lestringant. En effet, les pays européens qui se disputaient le droit de posséder le Brésil aux XVI-XVIIe siècles, n'occupaient que des fragments de son territoire, par exemple la France antarctique, la France équinoxiale ou le Brésil hollandais. Les voyageurs utilisent l'imaginaire insulaire pour décrire la terre brésilienne qu'ils connaissaient fragmentairement. Pour Jean de Léry, « l'île Brésil » dans *l'Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* (1578) est un lieu de refuge où les protestants se sentent libres de persécutions religieuses. Dans *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der Wilden Nacketen, Grimmigen Menschfresser-Leuthen in der Newenwelt America gelegen* (1557) de Hans Staden, il s'agit d'un lieu clos et dangereux où il devient prisonnier des Tupinamba. Le capucin Claude d'Abbeville considère l'île du Maragnão décrit dans l'*Histoire de la mission des pères capucin en l'isle de Maragnan* (1613) comme un paradis terrestre. Dans *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas* (1641) du jésuite Cristóbal de Acuña, de nombreuses îles rencontrées sur le fleuve, sont des lieux où se sont réfugiés des êtres et des peuples mythiques comme les Amazones ou les géants. Ces visions insulaires du Brésil reflèteraient la crise de conscience, de l'Europe déchirée par des conflits militaires et religieux se transposant au Brésil, mais aussi la transformation de la pensée médiévale en l'empirisme du XVIIe siècle.

Notice biographique

Viktoriia Kokonova est docteure en littérature générale et comparée au Centre interdisciplinaire d'étude des littératures d'Aix-Marseille université. Elle a soutenu sa thèse intitulée *Représenter le Brésil au XVIIe siècle : naissance complexe d'une identité nationale dans l'imaginaire européen* le 13 mars 2026. Sa recherche porte sur la représentation du Brésil dans la littérature viatique du XVIIe siècle. Elle s'intéresse également à la littérature épistolaire et aux échanges entre la littérature française et celle ibérique à l'Âge classique.

Elle est diplômée en philologie romane de la Faculté de Lettres de l'université d'État Lomonossov de Moscou (2012) et en Lettres modernes de l'École Normale supérieure de Lyon (2016).

Vítor Paulo Freitas Teixeira

Universidade da Madeira (UMa) / Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia (SRECT) Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares (ADEGI)

Luzia, a eterna viajante. Cem anos de *Cartas d'uma Vagabunda*

Resumo

Luzia, pseudónimo literário de Luísa Susana de Freitas Lomelino Grande (1875-1945) escreveu uma obra literária singular nas primeiras décadas do século XX. A sua obra foi recebida e aplaudida pela crítica literária da sua época, escritora que Augusto de Castro apelidou de «Eça de Queirós de saias» e Feliciano Soares atribuiu o epíteto de "Luzia, a Grande". Publicado em 1926, *Cartas d'uma Vagabunda* constitui um dos livros mais representativos de Luzia e um exemplo singular da narrativa epistolar feminina portuguesa das primeiras décadas do século XX. Assinalando-se em 2026 o centenário da publicação daquele notável volume, esta comunicação propõe uma revisitação crítica da obra, sublinhando a sua relevância no contexto da literatura portuguesa e da escrita feminina moderna. Cem anos após a sua publicação, o livro continua a revelar uma voz literária original, cosmopolita e profundamente inovadora, cuja atualidade merece ser redescoberta. No panorama literário português, Luzia é um caso *sui generis* do género epistolar, de uma riqueza humana, intelectual e literária extraordinárias, marcada por uma suavidade de espírito, uma delicadeza afetiva e uma graça encantadora. A escritora cultivou apaixonadamente os prazeres da correspondência, uma arte epistolar feita de observação, erudição e ironia espontâneas. Em *Cartas d'uma Vagabunda* Luzia é a eterna peregrina, observando e satirizando os ridículos sociais, políticos e culturais, refletindo uma condição existencial que a marcou profundamente na sua perpétua necessidade de viajar. Entre Lisboa e Paris, Luzia há de partir sempre, deambulando entre hotéis, salões, teatros e bibliotecas, alimentando a sua inesgotável sede de cultura e a sua fome de civilização. Contudo, é na cidade pirenaica de Pau, diante da austera fachada negra de Saint-Martin, que imagina a serenidade e a felicidade que sempre procurou. *Cartas d'uma Vagabunda* está repleto de referências à literatura, ao teatro, à moda, à política, à dança e à vida mundana, que testemunham uma existência feita de movimento, descoberta e saudade. Eternamente impelida pelos afetos e pelas memórias, que ia semeando pelo mundo, as suas cartas testemunham a observação crítica e o fascínio da descoberta. A sua correspondência é o legado da eterna peregrina, da própria e luminosa metáfora da sua existência, uma viagem incessante, como uma longa e inacabada carta, a vida inquieta e errante de Luzia, a eterna viajante.

Nota biográfica

Vítor Paulo Freitas Teixeira é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses (1999), mestre em Estudos Interculturais, variante de estudos Luso-Brasileiros (2010). É docente de Português do ensino básico e secundário, desde 1999. Entre 2005-2012, foi músico e presidente da Banda Paroquial de São Lourenço da Camacha. Em 2020, publicou o livro de poesia intitulado *Perguntei na Biblioteca pelo Futuro*. Em 2023, iniciou o doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares e integrou o Pólo da Universidade da Madeira do CLEPUL. É investigador da ADEGI - Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares. Tem colaborado com o projeto Baú de Leitura da SRETC com palestras de divulgação da vida e obra da Luzia, pseudónimo literário da escritora Luísa Suzana de Freitas Lomelino Grande. Pertence ao Conselho Científico para o "Estudo Global da Diáspora Madeirense", projeto do Centro de Estudos e Desenvolvimento, Educação, Cultura e Social (CEDECS). Em 2025, publicou o seu segundo livro de poesia: *A Democracia dos Sinos*. Tem uma equiparação a bolseiro da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, anos letivos de 2023/2024, 2024/2025 e 2025/2026.